

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Diário da Manhã*

Data: *01/01/82*

Pág.: *10*

Pasta n.º

N.º do recorte

654 11/11/82 18-10 133

**Creche de Itapetininga
continua a funcionar**

Fechada em abril de 1979 por determinação do Juiz de Menores de Itapetininga, a Sociedade Beneficente "Pobre de Itapetininga" continua em atividade, procurando atingir seu objetivo, que é prestar assistência à infância carente. O fechamento foi provocado pelas numerosas queixas das mães de crianças assistidas pela entidade e da interferência do Centro de Saúde, que denunciou a morte de uma criança. Houve o fechamento, mas as crianças sem outra entidade que as amparasse, continuaram nas ruas, pedindo auxílio para a creche. Essa situação foi constatada recentemente pelo supervisor de Suprimento de Sorocaba e o diretor-técnico do Distrito Sanitário de Itapetininga, que voltaram a condenar o funcionamento da creche.



Sexo, violência, prostituição

IREDE CARDOSO

Um piloto de aviação conseguiu, aqui no Brasil, pensão de sua ex-mulher, ao ficar desempregado, no montante de 30% do salário dela, de Cr\$ 600 mil. Um senhor, no Rio Grande do Sul, foi obrigado, pela Justiça, a pagar "indenização" à companheira com quem viveu oito anos, quando quis despejá-la da casa (dele) onde moravam. Um paisagista mineiro é condenado a 14 anos de prisão, por ter assassinado sua mulher (ele não queria que ela visse "Malu-Mulher", fumasse e usasse minissala ou mesmo bikini). Xaviera lança um livro e se diz satisfeita com a vida de prostituição (física? moral? E os parceiros?).

O mundo é curioso. No Brasil, antes mesmo que as leis sejam modificadas, trazendo a igualdade de direitos para a mulher, percebe-se que o desejo de autonomia da população feminina vem sendo interpretado de forma rude: deveres, nós mulher, já temos todos. E a velha cavalheiresca norma do "Ladies

first". Bom será que as mulheres tomem consciência de que delas se exige cada vez mais, para que passem também a exigir mais, por seu turno.

Quanto às companheiras que não se casam (não assinam o contrato do negócio com o sócio) nada melhor que observar como esse investimento não funciona em nosso mundo de orientação mercantilista. É a velha lição que não pode ser esquecida: a primeira independência é a econômica, porque a outra, sozinha, muitas vezes custa caro demais. Mas, mesmo assim, vale a pena, especialmente quando a alma não é pequena.

A condenação, por seu turno, de assassinos de mulheres (convém assinalar, pela enésima vez que as pesquisas existentes no Brasil indicam que homens matam mais mulheres e são menos condenados), se revela o ascenso de uma nova mentalidade, também mostra um certo rancor crescente contra as feministas que têm saído da rotina de suas vidas (geralmente chelas de trabalho)

partido para manifestações públicas nem sempre bem recebidas, especialmente pelos advogados de defesa.

Finalmente, uma consideração sobre a prostituição. Deixando de lado o aspecto moral da questão que sempre pode resvalar pelo moralismo, creio que esse é um fenômeno que merece análise mais ampla. A mesma orientação mercantilista que tem imperado entre os seres humanos, consegue fazer de qualquer coisa um produto e de qualquer sentimento, um produto a ser vendido. Ao precisar de companhia e afeto, o homem esquizofrenizado paga. Pagando, ele está "quites". Recebendo, ela está "quites". E, nesses "quites", não se sente "obrigado" a dar mais do que deu. Como se fosse "obrigatório" dar mais do que se tem.

O mais impressionante na questão da prostituição não está na falta de inteligência ou não de prostitutas,

mesmo porque a questão não pode ser compreendida do ponto de vista da mulher que se prostitui. Ela é apenas uma das faces do fenômeno que tem implicações sociais muito mais complexas. Muitas prostitutas são "inteligentes" do ponto de vista empresarial (como Xaviera). Outras não. Mas todo o aparato repressor que gira em torno da prostituição não pode ser esquecido. Muito menos o lucro que ele traz.

Entrevistei um prostituto, recentemente. A sociedade hipócrita ainda tem a coragem de falar da prostituição feminina como um "mal necessário". Agora, com o desenvolvimento em nosso País, da crescente rede de prostituição masculina, acabamos por pensar que ela também é um "mal necessário"? Sim, porque há quem acredite — e não são poucos — que é necessário haver mulheres prostitutas para que as virgens, irmãs, enfim, as moças "direitas" sejam "preservadas". De quê? Creio que da "fúria" sexual dos bravos homens viris. E agora, com a prostituição masculina, estaremos protegendo nossos irmãos, nossos moços "direitos" da fúria?... Nada como inverter as coisas para ver o absurdo. A prostituição pode passar a ser vista, simplesmente, como um negócio que aliena o que de mais saudável e prazeroso pode ter um ser humano que é o relacionamento amoroso bom, grátis, gostoso, no qual apenas o prazer trocado representa uma altíssima troca em que todos ficam "quites" e ansiosos por mais.

1090

FISP 511/82
**Mulheres Unidas construirão
uma creche modelo este ano**

A construção de uma creche-modelo que atenderá a criança e a mãe, através de cursos de formação e de economia doméstica são algumas das atividades que a Associação de Mulheres Unidas pelo Brasil (Amub) deve colocar em prática, até o final deste ano, com a construção de sua sede, no bairro do Butantã.

Para concretizar o projeto já pronto, cerca de 100 voluntárias dedicaram o ano de 1981 à arrecadação de recursos. Desenvolveram várias atividades e estão recebendo a renda de um estacionamento na cidade, que lhes foi cedido para esse fim. E, segundo sua secretária-geral, Elisa Romero Castilho, esta foi a única alternativa que "encontramos para chegar à construção da creche e da nossa sede. Trabalhamos este ano todo em regime de voluntariado".

**TRABALHO
COMUNITARIO**

A Amub surgiu como entidade de utilidade pública voltada ao trabalho comunitário mais amplo, em 1979, resultado da Cooperação Social Feminina, criada em 1965 e de caráter mais assistencialista. Seu

trabalho junto às mulheres visa à defesa da família brasileira e, nesse sentido, apóia e colabora no seu desenvolvimento profissional, defende o ensino gratuito, combate os atravessadores e desenvolve atividades comunitárias para a melhoria da qualidade de vida.

O trabalho das voluntárias junto às mulheres mais carentes vem sendo realizado em diversos bairros da cidade. Há reuniões constantes, onde são discutidos assuntos de interesse das mulheres e resultado de suas sugestões, como Previdência Social, eleições ou informações sobre higiene e saúde. "As nossas reuniões também acabam se transformando em canal para que as mulheres levantem as necessidades de seu bairro, como a falta de água, luz, esgoto, segurança. Posteriormente, procuramos encaminhar essas questões à Prefeitura, e temos obtido bons resultados", assegura Elisa.

Outro trabalho desenvolvido no ano que passou foi o de início de curso de alimentação, com enfoque ao aproveitamento de alimentos e alimentação saudável. Elisa conta que resolveram preparar uma cozinheira,

que passou a frequentar curso de Nutrição, para o trabalho futuro na creche-modelo. "E enquanto a creche não fica pronta, ela já deu seu primeiro curso às mulheres, orientando-as para uma alimentação mais rica e menos cara, evitando o desperdício."

CRECHE-MODELO

Oscalina será a responsável pela Cozinha Popular da creche, que começa a ser construída este ano, para atender 60 crianças, inicialmente em terreno de 3.400 metros, no Butantã. A cozinha popular, assim como a lavanderia popular terão caráter profissionalizante, além de servir às mães que ali deixarem seus filhos. Haverá também oficinas de costura e atividades educacionais.

Para Elisa, somente a creche não resolve o problema de grande parte das mulheres, que necessitam de formação profissional para encontrarem melhor colocação. "Por isso que estamos partindo para um programa conjunto de atendimento à criança e à formação da mãe. Acreditamos que, assim, estamos realizando trabalho comunitário de atuação mais ampla."

Para lembrar

"Embora a presença da mãe seja importante, a vida em grupo traz benefícios para as crianças, desde que a creche obedeça a determinados padrões."

Regina Wagemaker
no 1.º Encontro Nacional de Creches
"Folha", 24.09.81



As mulheres reivindicam mais creches

A mulher que precisa trabalhar fora para reforçar a renda familiar não conta com qualquer creche pública à sua disposição, na cidade de Santo André. As particulares estão fora de seu orçamento e conseguir uma vaga nas poucas creches assistenciais é como alcançar uma graça. E isso está cada vez mais difícil. Diante desse quadro grave, as mulheres reunidas em entidades ou grupos resolveram tomar uma atitude para mudar o rumo de suas vidas, depois de constantes encontros através do Movimento de Mulheres de Santo André.

Este mês, representantes de cerca de 25 entidades e grupos de mulheres da cidade vão fundar a Associação de Mulheres de Santo André, com sede na Igreja do Bonfim. Seu objetivo fundamental é o de ativar o movimento de luta por creches. "E, além disso, a associação que resulta das reuniões do Movimento

de Mulheres, quer incentivar a organização, conscientização e mobilização das mulheres de Santo André, sempre presentes quando solicitadas a participarem de manifestações", como tem constatado Maria do Socorro Diógenes da Silva, professora e integrante da nova associação.

ORGANIZAÇÃO

A Associação de Mulheres de Santo André é o primeiro movimento organizado na cidade, depois de 1964. Sua origem é o Movimento de Mulheres de Santo André, que surgiu com a tentativa de organização do departamento feminino no Sindicato dos Metalúrgicos da cidade. O movimento foi reforçado com a greve de 1979, quando as mulheres se reuniam para arrecadar mantimentos, protestar contra prisões de sindicalistas e outros atos específicos.

"Mas o final da greve esvaziou o movimento, que tomou outro rumo", lembra Maria do Socorro. "Começamos a nos reunir duas vezes por mês, quando trazíamos especialistas para tratar de assuntos como aborto, Lei de Segurança Nacional, saúde e outros temas que sempre reuniram grande número de pessoas."

O movimento preparou dois eventos que serviram de base para o surgimento da associação. No início de 1981 realizaram o 1.º Encontro de Mulheres de Santo André, no qual compareceram 150 mulheres e tiraram 11 delegadas. E em julho, prepararam o Seminário sobre Creches. Os dois eventos tiraram, como proposta de ação, a criação de uma associação que lutasse pela construção de creches em Santo André e a organização das mulheres da cidade.

"Na época da realização do seminário, preparamos uma pesquisa sobre a situação das creches, para sabermos como atuar. E constatamos a inexistência de creches públicas, para uma população em grande parte desempregada e cujas mulheres necessitam do emprego para sobreviverem," diz Maria do Socorro.

Para iniciar as atividades da associação que terá leitura dos estatutos em reunião do próximo dia 13, representantes da Associação das Donas de Casa, SOS Mulher de Santo André, Apeoesp, Departamentos Femininos das Sociedades Amigos de Bairros e diversos grupos de mulheres já contam com um documento do governador Maluf, que promete nove creches à cidade.

"O prefeito Lincoln Grillo nos garantiu que temos seu apoio, embora não conte com recursos para a construção de creches. Mas ele nos entregou cópia do documento de Maluf, que esteve na cidade em seu

governo itinerante, e nos prometeu creche. E pretendemos começar nossa luta a partir desse documento", garante outra integrante da associação, Glória Shimabu, professora e que deu curso de pintura às mulheres do movimento, recentemente, como parte de trabalho de questionamento da realidade.

CONTRA DISCRIMINAÇÃO

Um programa de ação mais efetivo deverá ser tirado após a eleição da diretoria. Mas, em seus estatutos, a Associação de Mulheres de Santo André deixa claro que tem por objetivo ser uma entidade democrática, contra a discriminação em termos de participação das mulheres, pretendendo atingir todas as classes sociais.

Grupos de mães respondem a secretário

Grupos de mães da Zona Leste de São Paulo, faz tempo vêm lutando e se organizando para obter as justas melhorias no ensino e suas precárias condições, junto aos poderes públicos. Enviaram uma série de reivindicações ao Secretário da Educação, Luís Ferreira Martins. Este, em janeiro deste ano, enviou para aqueles grupos de mães uma resposta que foi longamente estudada por todos os interessados.

No fim de outubro, o movimento pela educação, com bases nos estudos feitos por todos, enviou uma outra carta ao Secretário, contestando suas alegações e colocando ainda mais claramente as dificuldades que são cada vez maiores. Embora longa, a carta está com seu texto integral na página por se tratar de um documento histórico na evolução da organização popular, mesmo porque traz nada menos que 15 mil assinaturas.

Exmo. Sr.
Secretário da Educação do
Estado de S. Paulo
Prof. Luís Ferreira Martins

O Movimento pela Educação da Zona Leste de São Paulo, representado pelos vários Grupos de Mães, recebeu dessa Secretaria um documento-resposta às nossas reivindicações — ofício G. S. 504/81-MEVG/cvdy. datado de 15 de janeiro de 1981.

Esse documento foi estudado com muito interesse por todos os grupos de mães que participam do Movimento pela Educação, na Zona Leste da Capital.

Demoramos o tempo que foi necessário para a discussão do referido documento, a fim de que todas as pessoas interessadas nos problemas da Educação pudessem refletir e discutir e chegar a algumas conclusões a respeito das respostas que recebemos dessa Secretaria.

Passamos, então, à apresentação do resultado de nosso estudo, referente às respostas que nos foram dadas em cada uma de nossas reivindicações enviadas ao Sr., juntamente com um abaixo-assinado de aproximadamente quinze mil (15.000) pessoas, no dia 11 de dezembro de 1980.

Primeira reivindicação: "EDUCAÇÃO GRATUITA NO 1.º GRAU. CONFORME MANDA A LEI"

Chegamos à conclusão que pagamos muitos impostos sobre tudo (casa, alimentação, vestuário, etc.) e não vemos a volta desse dinheiro em forma de benefícios à altura do que temos direito e de que temos necessidade, no que se refere à Educação de nossos filhos.

Apesar da afirmação do Sr. secretário de que existem quatro (4) milhões de alunos no 1.º e 2.º graus, verificamos que o número de vagas nas escolas não tem realmente aumentado de acordo com a necessidade da população e que muitas crianças e jovens estão sem estudar no 1.º e 2.º graus por falta de vagas nas escolas de nossos bairros.

Além disso, muitas crianças e jovens não conseguem vagas nas escolas de 1.º grau do bairro onde moram e precisam matricular-se em estabelecimentos escolares bem distantes de suas casas, para poderem estudar.

Para isso, têm que pagar condução correndo riscos de todo tipo, pois nossos bairros não tem os recursos necessários para uma vida digna a que temos direito.

Também verificamos que muitos jovens não encontram vagas para cursarem o 2.º grau, sendo muito pequeno o número de estabelecimentos de ensino de 2.º grau em nossa região. Isso obriga nossos filhos a se deslocarem até mesmo para escolas do centro da cidade, se quiserem estudar. Interessante é observarmos como é grande o número de escolas particulares que têm o 2.º grau, em nossa região! Nelas sempre existem vagas: basta pagarmos as altas taxas que cobram. Acreditamos que não é necessário dizer ao senhor que nossos filhos não podem frequentar essas escolas!!!

Estamos certos de que o senhor, se convocasse a população em idade escolar de 1.º grau (7 aos 14 anos) através dos meios de comunicação, para apurar o número de crianças e jovens que ficaram sem frequentar a escola este ano por falta de vagas, teria uma grande surpresa!!! Fazemos essa afirmação, porque vivemos a realidade de nossos bairros e sabemos que a população tem grande interesse em dar o mínimo de instrução para seus filhos, apenas não tem encontrado condições para isso.

Concordamos totalmente com sua afirmação de que outros setores da sociedade deveriam colaborar para atender às necessidades da população que se encontra "fora da escola e marginalizada pela sociedade". E por que isso não tem acontecido de uma maneira satisfatória, se o povo trabalha cada dia mais e com seu trabalho constrói a riqueza do País?

Segunda reivindicação: "QUE O ESTATUTO DA APM SEJA CUMPRIDO"

Concluimos, em relação ao segundo item da carta-resposta do senhor secretário, que se todas as APMs são dirigidas por um estatuto modelo ou padrão, estes estatutos deverão ser conhecidos, estudados e discutidos não só pelos pais que participam diretamente das APMs nas escolas em que seus filhos estudam, como também por todas aquelas pessoas que se interessam pelo bom nível do ensino e pelo bom funcionamento das escolas, em nosso Estado.

Então perguntamos:

Por que isso não acontece? Por que os pais não têm oportunidade e não são incentivados para terem em suas mãos esses estatutos?

Fazemos essa observação, porque consideramos de muita importância o conhecimento de nossos direitos, a fim de que eles sejam respeitados por todos os responsáveis pela área da Educação, em nosso Estado.

Quanto ao referido Congresso das APMs, realizado nos dias 26 e 27 de setembro de 1980, perguntamos:

a) Por que não houve a comunicação e o convite para os pais da periferia para que eles participassem dessa atividade?

b) Será que eles não fazem parte das APMs nas escolas de seus bairros ou não têm direito de dar opinião nas decisões mais importantes que atingem diretamente a educação de seus filhos?

Queremos ainda informar ao Sr. que já existem escolas que fazem suas próprias "leis" da APM, quanto à taxa de contribuição no ato das matrículas, ou posteriormente, isto é "cada diretor estabelece o seu preço", variando entre Cr\$ 100,00 e Cr\$ 450,00 por criança! E nós bem sabemos que a taxa de contribuição "voluntária" tem que ser estabelecida por uma assembleia geral da APM, na escola, e não pelos senhores diretores. Então perguntamos:

Os diretores, para tomarem essa atitude, têm o apoio de quem?

Terceira reivindicação: "MAIS VERBAS PARA A EDUCAÇÃO"

Concordamos com a afirmação de que os pedidos de mais verbas para a Educação são comuns e frequentes. Esses pedidos têm partido não só dos movimentos populares, como também de várias entidades de classe: associação de professores, associação de estudantes e até mesmo do próprio Sr. ministro da Educação e dessa Secretaria também!

Isso tudo vem reafirmar que o nosso pedido é mais do que necessário e justo.

Perguntamos, nessa questão, os porquês de tantas dificuldades financeiras que nossas escolas apresentam para funcionarem bem se o quadro de verbas de 1977 a 1981 aumentou consideravelmente, como nos foi apresentado?

Por que os pais têm que contribuir tanto, dando do pouco salário que recebem, para que nossas escolas funcionem bem, como afirmam os senhores diretores, se as verbas sempre aumentaram?

Dizemos isso, porque é comum ouvirmos o seguinte dos diretores:



“se vocês não pagarem a taxa da APM, como nossas escolas podem funcionar bem?”

Queremos, ainda nesse item, saber qual é a verba destinada, no período que nos foi apresentado em sua carta-resposta, especialmente ao ensino de 1.º grau, que é de total responsabilidade do Estado, segundo a lei.

Quarta reivindicação: “QUE AS DECLARAÇÕES DO SR. SECRETÁRIO SEJAM MAIS RESPEITADAS”

Apesar da afirmação de que sua posição é bem clara quanto ao pagamento da taxa da APM e de que foram tomadas todas as providências para que as leis fossem cumpridas, as escolas continuam tirando dinheiro dos pais, através de muitos outros meios, tais como: preço alto da carteirinha escolar, dos bolsos dos aventais, das camisetas com emblema da escola, dinheiro para comprar pastas onde ficam os documentos pessoais dos alunos, festas, etc. E o que é muito grave: para a realização das festas, pressionam os alunos a pedirem prendas pelo bairro, ensinam as crianças a “roubaram prendas da própria casa” levando para a escola do pouco que tem e quanto mais a criança colabora, mais pontos ela consegue!!!

E, ainda verificamos, que o dinheiro arrecadado pelas escolas na maioria das vezes não é aplicado para ajudar os alunos mais carentes, mas sim para realizar consertos no prédio, pagamento de vigias, material de limpeza, merendeiras, etc. Então perguntamos:

E a verba trimestral que cada escola recebe da Conesp para onde vai? Ou será que essa verba é

tão pequena que não cobre tais despesas, como afirmam os senhores diretores?

É correto, é justo que o povo “carregue toda essa responsabilidade em seus ombros?” Será que as APMs não estão se tornando simples empresas que empregam o dinheiro arrecadado em coisas que cabem ao Estado resolver, esoucendo-se de um de seus mais importantes itens do estatuto que é o atendimento direto aos alunos carentes?

Concluimos, portanto, que a lei e o estatuto das APMs não estão sendo cumpridos, pois os pais de uma forma ou outra, estão sustentando uma boa parte da manutenção e funcionamento das nossas escolas. Assim, o ensino de 1.º grau, que pela Constituição deve ser gratuito, “está saindo muito caro para a população”.

Esperamos, com esse nosso estudo e apresentação de nossas conclusões, colaborar para uma reflexão dessa Secretaria sobre aquilo que estamos vivendo e sentindo na pele todos os dias. Desejamos que essa Secretaria compreenda o quanto nos é importante o que concluímos: queremos tudo aquilo a que temos direito e que esses direitos sejam respeitados.

Informamos ao Sr. que todas as nossas afirmações serão confirmadas através do resultado de uma pesquisa que está sendo realizada em toda a Região Leste, pelos Grupos de Mães.

Atenciosamente:

**MOVIMENTO PELA
EDUCAÇÃO DA ZONA LESTE
GRUPO DE MÃES
ZONA LESTE — CAPITAL**

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*

Data: *08/01/82*

Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Projeto Marco instalará 50 creches ^{F. Tardes} em São Paulo

Em reunião realizada ontem no Palácio Bandeirantes, e que foi presidida pelo eng.º Roberto Paulo Richter, presidente do GAP — Grupo de Assessoria e Participação, foi eleita e empossada a primeira diretoria do Projeto Marco — Múltipla Ação Regional Comunitária. O Projeto Marco tem como objetivo a rápida implantação de 50 creches, na Capital, com o apoio do empresariado e da Prefeitura.

Segundo explicou Roberto Paulo Richter, "a primeira creche, que será instalada no Jardim Namba, distrito de Butantã, deverá entrar em atividade até o final de março, para atender a cerca de 120

crianças, inclusive com alimentação completa". Essa creche do Butantã será construída em um terreno de 4.500 metros quadrados, da Prefeitura, situada junto à av. Francisco Morato, e que já está sendo preparado para as obras.

PROJETO MARCO

O presidente do GAP explicou também que o Projeto Marco visa dar um atendimento comunitário à população, através do apoio de todos os membros de nossa comunidade, como profissionais liberais, comerciantes e empresários. A primeira ação do projeto é a instalação de 50 creches em diferentes bairros da Capital (projeto creche-Mãe); a seguir implantar centros profissionais promotores de ocupações diversificadas, aproveitando especialmente a mão-de-obra da mulher, inclusive com atividades dentro do próprio lar (programa Orton).

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGASDepto. de Pesquisas Educacionais
BibliotecaJornal *FOLHA PAÇO*Data *09.01.82*Pág. *15*

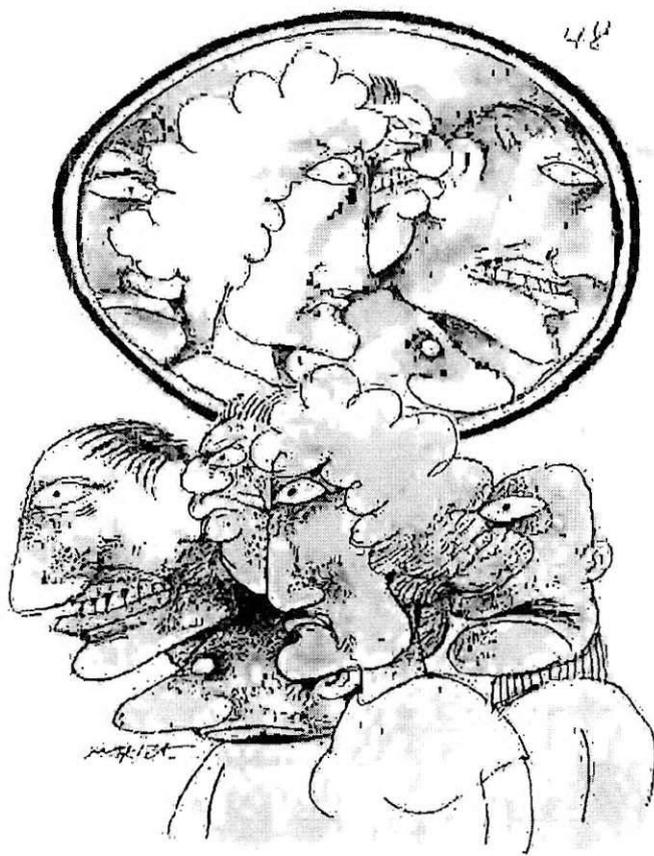
Página n.º

N.º do recorte

2/1/82
**Franca terá
novas creches**

FRANCA — Tomás Novelino, presidente da Fundação Educandário Pestalozzi, de Franca, informou ontem que ainda neste mês serão implantadas duas creches-escolas na cidade. A primeira funcionará no prédio da vila Santa Luzia, adquirido da massa falida da antiga Indústria Emanuel e restaurado pela Fundação. A creche terá capacidade para 200 crianças.

A outra creche-escola é a do Parque City Petrópolis, em Miramontes, que está em obras em área parcialmente doada.



O maior mérito de Betty

IREDE CARDOSO

Betty Friedan volta, esquentando a cabeça dos que desconhecem o que se passa e o que se passou na história do feminismo. Há um assanhamento incrível dos inimigos e inimigas da luta de liberação política (com "p" maiúsculo) da mulher. Quem não sabe, deveria saber, se quer falar sobre a questão, que Betty foi uma mulher que começou a refletir, na penúltima onda passada, do Movimento Feminista e que teve o mérito de levantar uma série de problemas. Dizer que ela tenha sido uma liderança é muito pretensioso, já que no movimento feminista as mulheres querem e lutam para serem todas iguais; discutem e falam o que pensam, recebendo das companheiras o "feed back!" necessário para continuar refletindo e agindo do modo mais adequado a cada uma. No MF, estamos também muito preocupadas com as pesquisas feitas pelos estudiosos, de forma que seja possível caminharmos o mais justamente possível a partir dos dados disponíveis sobre a realidade que nos cerca.

Com relação a Betty Friedan, nada mais justo que reexamine suas posições, uma vez que ninguém é perfeito, imutável e fixo. Nada pior que ficar pé numa posição, deixar o tempo passar e a gente virar passado. É preciso caminhar com as novas descobertas, com as novas situações que se apresentam graças ao ad-

vento de descobertas, do estabelecimento de etapas econômicas diferentes, etc., caso contrário, a gente vê aí, até a TFP querendo segurar o "avanço do socialismo no mundo".

E, quanto ao feminismo brasileiro, uma das grandes qualidades que vemos despontar dentro dele é o desejo de recusar autoritarismos, sentimentos de culpa ou rancor, ódio ao amor ou ao companheiro; vemos nele o aparecimento de mulheres carinhosas, amantes do amor, da alegria, do prazer, da justiça social. Mulheres com a consciência de que o homem não é "culpado", mas também "responsável!" e que é necessário discutir, dialogar e só partir para a separação quando o caso se torna de sobrevivência, afetiva ou não. Mulheres que já sabem que o machismo é um fenômeno social que nos manipula, a homens e mulheres, para que estejamos separados, para que nos desanimamos, tenhamos ódio, rancor, de forma, a que o sistema continue com toda a sua carga de opressão e injustiça, sem oposição conseqüente.

Quanto ao que Betty fala da família, de uma revalorização da mesma, o feminismo brasileiro nunca passou por essa etapa anterior, de destruição da instituição. Ao contrário, quando falávamos sobre a família, sempre se procurou mostrar a necessidade de um relacionamento o mais verdadeiro possível, o mais democrático, o mais amoroso, de forma que,

se passasse da situação de decadência e hipocrisia para uma nova síntese aberta para o mundo que sonhamos; sem violência, sem opressão.

Quando Betty fala sobre a questão do aborto, nós, feministas brasileiras, pensamos sobre o número de abortos que vergonhosamente apresentamos no Brasil, a infinita maioria deles por ignorância e causando mortes; especialmente de mulheres pobres. Essas mesmas que são esquecidas nas grandes estatísticas que falam das mortes por câncer ou atropelamento. Essas, mesmas que são ignoradas pelos que, hipocritamente, falam de vidas que querem salvar e que não erguem uma palha para trabalhar por mães solteiras, para acabar com o moralismo existente na sociedade ou lutar a favor dos menores abandonados. As e os que nunca pensam na situação da mulher brasileira, mergulhada na mais profunda ignorância, em sua grande maioria, e cujas vidas não preocupam quase ninguém.

A legalização do abortamento, nesse sentido, só poderia trazer um contato maior entre médicos e pacientes, um atendimento higiênico e a multiplicação de informações sobre a sexualidade. Como se sabe, quando a mulher conhece e utiliza os métodos anticoncepcionais, mesmo assim existe a possibilidade de haver engravidamento. Mas a porcentagem se reduz aos 5%. E quem é que pode obrigar uma mulher a ter filhos quando ela não deseja? Só aqueles autoritários, que continuam legislando sobre o corpo da mulher, como tem ocorrido secularmente. Se a Betty Friedan fez autocrítica, é possível que os mais ferrenhos inimigos da libertação da mulher também o façam.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Estado Livre*

Data: *13.01.85*

Pág. _____

Pasta n.º _____

N.º do recorte _____

Mais creches em bairros da periferia

O prefeito Reinaldo de Barros inaugurará, até sexta-feira, quatro creches na periferia, com capacidade para 608 crianças até seis anos e que, segundo o coordenador de Bem-Estar Social, Wilson Quintela Filho, exigiram um investimento de Cr\$7 milhões na construção e Cr\$1,7 milhão em equipamentos. A Assessoria de Imprensa da Prefeitura informa que outras 33 unidades serão entregues até fins de março.

Hoje, às 19h30, será inaugurada a creche do Jardim Guarani — rua Santana do Araçuaí — com capacidade para 150 crianças da Freguesia do O. Amanhã, quinta e sexta-feira serão abertas as creches do bairro do Limoeiro — rua Henrique Franco — na Regional de São Miguel-Ermelino Matarazzo; do Jardim Sapopemba — rua Angel Bunito — em Vila Prudente; e de Vila Maria — rua Galileu Gaia — com 150 vagas cada uma.

Creches do Município

Melhorou, nos últimos anos, o sistema de atendimento infantil por meio de creches no Município de São Paulo. Ao terminar o governo do engenheiro Olavo Setúbal, estavam em funcionamento 123 creches, operadas por administração direta e indireta e por particulares. Essas creches atendiam, então, a 17.055 crianças.

Em que pese o esforço desenvolvido na passada administração para assegurar às mães que precisam trabalhar fora um lugar seguro para deixar seus filhos, mesmo assim o crescimento populacional do Município passou a exigir sempre maior número de creches, especialmente porque aumentou, também, o número de mulheres que começaram a trabalhar fora de casa para melhorar a renda familiar.

Esse fato levou o atual prefeito Reynaldo de Barros a determinar um levantamento sobre o déficit de creches do Município, ao cabo do qual foi constatado que São Paulo necessitava de pelo menos mais 1.700 creches para atender às necessidades das famílias de baixa renda.

De posse do resultado do levantamento, a atual administração passou a trabalhar em função do problema na periferia, e, de julho de 1979 até 31 de dezembro último, foram construídas (algumas estão em fase de conclusão) 322 creches, que atenderão mais 34.969 crianças, cujas mães precisam participar do mercado de trabalho.

Esse esforço para aumentar o número de creches terá de ser ampliado em função da pressão da demanda, que vem crescendo simultaneamente ao aumento do número de famílias carentes do Município.

Todavia, convém não esquecer a elevação do custo de operação dessas creches. Para que se tenha uma idéia, vale a pena lembrar que em 1979 cada criança atendida em creche conveniada custava à Prefeitura Cr\$ 767,12; hoje, custa Cr\$ 5.733,00, sendo que, em se tratando de criança atendida por creche operada por administração direta, esse custo sobe ainda mais, chegando, até há pouco tempo, aos Cr\$ 8.000,00 por criança.

Logo, aos responsáveis por esse setor do programa administrativo do prefeito Reynaldo de Barros compete estudar o problema e sugerir a forma mais barata de operação de creches. Sabe-se que há entidades e clubes de serviço que se dispõem a trabalhar com creches, mas não podem construí-las. Nesse caso, a administração indireta deve funcionar.

Isso porque, por esse sistema, a Prefeitura constrói e equipa a creche, que particulares administram por meio de convênio, recebendo uma cota por criança atendida. Livra-se, assim, o poder público do empreguismo e dos encargos sociais, cabendo-lhe, no entanto, o direito de fiscalização permanente da execução do convênio, o que deverá assegurar o bom atendimento das crianças entregues aos cuidados dessas creches.

Est SP 12/11/82

A vida de quem toma conta de crianças

— Eu já tive 13 crianças aqui em casa. Não era grande coisa, mas me tabulava muito, porque tinha de lavar muita roupa. Agora tenho só três.

Dona Ana, 46 anos, pano amarrado constantemente no cabelo pichaim, é lavadeira e também "benzedeira" da favela do Jardim Herculano, em Vila Remo, Santo Amaro. Por Cr\$ 2.500,00 mensais, ela toma conta de crianças, geralmente filhos de mães solteiras, que trabalham como domésticas e "as patroas querem que fique direto no serviço, dormindo lá no emprego".

Seu barraco fica abaixo da avenida Milton, na favela, num terreno municipal muito úmido. Para se chegar até lá, é preciso descer uma pequena escada cavada na terra. Logo na entrada, está um caramanchão feito de um chuchuzeiro; à esquerda, um tanque sobre ripas de pau, e ao seu lado, um poço cheio de água suja e fétida, mal coberto por algumas tábuas velhas.

— Sabe, menina, eu preciso de dinheiro, e assim eu vou levando minha vida. O que ganho como lavadeira não dá, e meu marido não ganha nem o mínimo. Eu dou tudo para as crianças: comida, roupa lavada, remédio, e tem criança que fica mais que o dia todo, dorme aqui.

É uma outra criança que ajuda dona Ana na arrumação e também para tomar conta dos demais. Trata-se de uma menina de oito anos, Ednéia, muito franzina, mas esperta, que mora junto no barraco e dona Ana trata de filha. "Sabe, a Ednéia tinha uma irmã gêmea", continua a lavadeira, "que três meses faz, morreu no meu colo. Ela deu pra inchar, levei no médico, ele disse que estava tudo bem. Teve alta, voltou pra casa, mas morreu. Disseram que deu paralisia infantil que subiu na cabeça".

As mães trazem as crianças na segunda-feira, quando têm de retornar para as casas das patroas. Por isso, dona Ana não costuma lavar roupa nesse dia. Geralmente, ela "pega no tanque" a partir de quarta-feira. Como é a rotina de assistência às crianças?

— De manhã, eu dou café lá pelas 7, 8 horas. Compro pão, dou café. Ai, deixo brincando perto de mim no quintal ou na calçada perto da avenida, até 11h30, meio dia, que é hora do almoço. Quan-

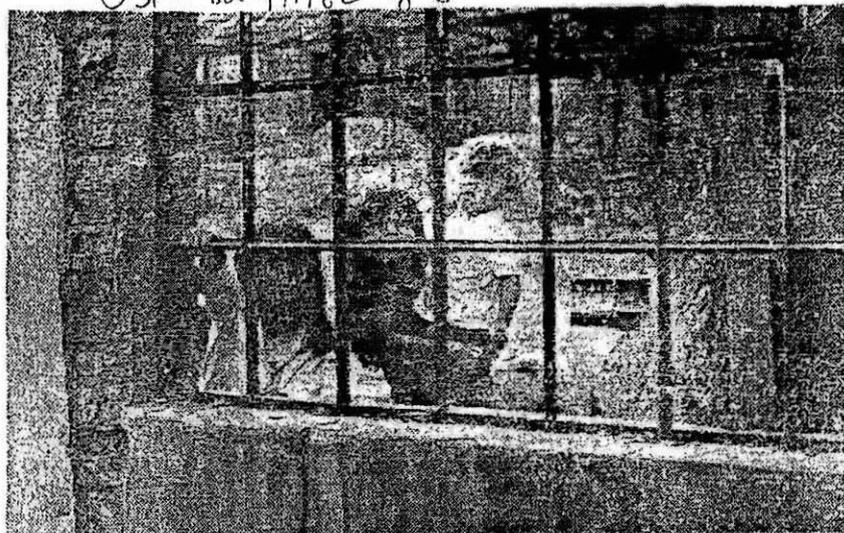


foto de Jesus Carlos

do eles começam a me rodear, já sei que está na hora. Faço um arroz, com um pedaço de peixe ou carne seca, mas não é sempre. Ontem, dei ovo. Verdura não falta. Agora, se eles não querem comer verdura, eu tiro a carne.

Verduras e frutas são trazidas por Leonilo, marido de dona Ana, que é feirante, sai todo dia às três e meia da manhã, retornando às oito da noite, somente, e não consegue receber nem um "salário mínimo por mês. O orçamento é completado pelas lavagens de roupa de dona Ana (Cr\$ 200,00 por dia, não importa o número de peças).

O jantar das crianças é constituído pelas sobras do almoço, e quando não há, dona Ana "mata uma sopa". Leite só aos domingos.

Os brinquedos também são raros. Na sala, junto a um velho aparelho de tevê e um conjunto de estofados de terceira categoria, uma boneca com olhos furados é disputada pelos pequenos: Gerson, 4 anos, e sua irmã, Lucélia, de três; e Toninho, também com três anos de idade, o mais levado. No quarto de dona Ana, logo depois da sala, existem alguns bichos de plástico sobre um móvel caindo aos pedaços.

Aliás, o barraco é miserável: há grandes frestas nas paredes feitas com restos de madeira; o chão de cimento está quebrado em vários pontos onde se formam poças de lama; e a lavadeira se queixa das últimas chuvas.

Da última vez que choveu, ela ficou com água e lama pela ca-

A água lamacenta entrou na cozinha, onde estão duas gaiolas com um papagaio e um preá, mas inundou o quarto das crianças, logo depois dela. No chão, se vêem ainda poças de água, dentro do quarto. As camas são pedaços de espuma de nailon, sobre estrados, e não há lençóis: apenas um cobertor ralo e um travesseiro velho, para cada um. As necessidades são feitas em um urinol, e jogadas do outro lado da rua, pois não existe fossa. Dona Ana se queixa:

— Olha, a maior dificuldade é essas crianças grandes fazendo xixi na cama. A mãe disse que eles têm urina solta, mas acho que não é. Só de noite que eles fazem. Precisa dar remédio. Eu brigo e ponho de castigo, com as mãos no rosto, na frente da parede, mas não adianta. Eu não bato porque tenho dó. A Lucélia chora quando volta na segunda-feira, pra cá; ela já pediu pra mãe construir uma casinha só pra elas. Mas, vai fazer o que? O pai delas abandonou a mãe, e ela tem que dormir na casa da patroa a semana todinha.

As crianças tomam banho três vezes por semana, de bacia, e a água é aquecida numa grande lata, sobre o fogão. Um outro problema é apontado: o poço. A toda hora, Ednéia vai atrás das crianças, com receio de que elas tenham caído lá. Dona Ana:

— Eu tenho esse poço aí, porque não posso soltar água para baixo, que incomoda o vizinho. Também não posso subir a água pra cima. As vezes, ele transcor-

da. eu levo a água suja de bacia, pra rua. Eu vivo sempre berrando pras crianças — olha o poço! olha o poço — mas sabe como é: muito avisado, o vaso quebra.

A água, pelo menos, é encanada, e há pouco tempo, foi instalada a luz. Antes, dona Ana tinha que tirar água do poço e era um grande sacrifício. Faz seis anos que ela mora no local (que antes de ser favela era depósito de lixo) e dois, desde que começou a tomar conta de crianças, na ocasião em que "a cabeça da filha não ajudou" e ela teve um filho.

Enquanto a lavadeira vai contando a sua história, as crianças olham para ela, sentadas na poltrona da sala. Suas roupas são surradas e esburacadas, calçam chinelos de plástico (Gerson tem um par de tênis velhos, maiores que seus pés, cheios de terra e com os pares trocados), e à toda hora, a qualquer ruído que façam, são repreendidas por dona Ana.

— A Ednéia me ajuda com tudo, e não precisa mandar. Só não cozinha, que eu tenho medo de botar ela no fogão. Mas, com a idade dela, eu já cozinhava no fogão de lenha. Ela já passou de ano na escola, foi pro segundo. Ela vai no catecismo, e fica com as crianças quando eu tenho que sair. Só que eu não digo que vou longe, porque ela pode dizer pra qualquer um e Deus me livre entrar alguém aqui, e levar o pouco que tenho. Mas, geralmente eu saio na segunda, quando o marido folga.

As condições do barraco são péssimas, e dona Ana já teve problemas sérios com as ratazanas: elas morderam Toninho quando ele tinha seis meses, e quase o arrastaram para fora. O casal acordou no meio da noite, com os gritos da criança, que tinha o rosto todo ensanguentado.

— Sabe, minha filha, eu fico pensando nessas mães aí, que têm de trabalhar como domésticas. Não tem ninguém que quer ficar com as crianças, ninguém. Elas ganham pouco, muitas já me aprontaram falsetas, sabendo que eu preciso de dinheiro, foram embora me devendo dinheiro. Mas, eu fico com dó das crianças. Tem umas que nem querem saber dos filhos, o pai não assume, e como é que elas vão trabalhar pra sustentar? Creche só aceita no dia, tem que ir lá retirar. Como é que faz?"

(Jô Azevedo)

Uma creche para os aeroviários

Como é possível para o aeroviário conciliar a questão profissional com a vida familiar? Esta preocupação se tornou cada vez mais constante nas discussões que um grupo de aeroviários cariocas da Varig, iniciava há dois anos atrás. Este grupo começou a enxergar, paulatinamente, os problemas que afetavam a categoria: a maioria dos profissionais não conseguia se aposentar, a rotatividade era enorme contribuindo para os salários se achatarem, as pessoas permaneciam isoladas profissionalmente devido às inúmeras viagens, e principalmente, possuem uma visão imediatista dos problemas, condicionada pela própria dinâmica da profissão.

"Nós víamos que teria de se tentar algo para mudar esta situação", comenta Ana Maria Vieira, 29 anos, que fazia parte do grupo. Da constatação até a prática, o grupo viu que a Associação de Comissários da empresa, apesar de existir há 9 anos, tinha uma atuação puramente assistencialista. Diante desta realidade, segundo o que Ana Maria relata, o grupo partiu para uma prática.

"Há muitas mulheres na categoria e um grande problema é como e com quem deixar os filhos, quando fazem as viagens", prossegue ela. Os horários normais das creches são inadequados e os hoteizinhos saem excessivamente caros. "Esta era também uma condicionante para a mulher permanecer na profissão, e evitar a rotatividade".

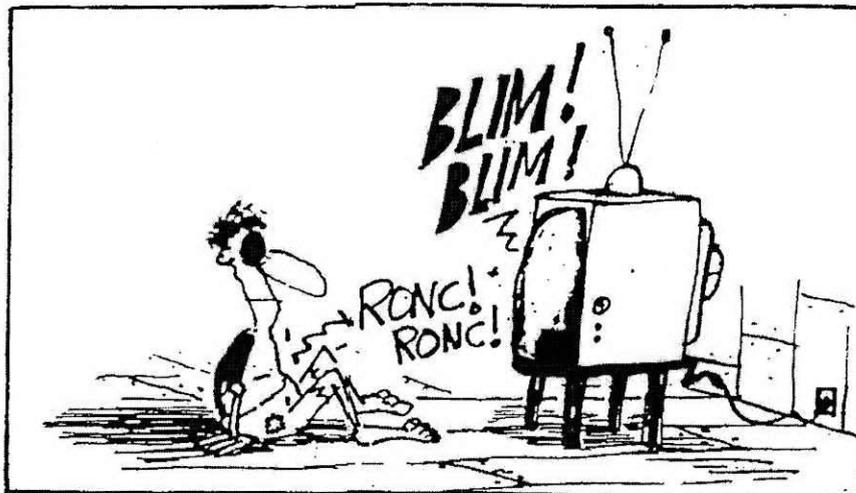
O grupo começou a reivindicar uma creche ligada à empresa que atendesse às necessidades das aeroviárias, e ao mesmo tempo tiveram todo um trabalho de idealização de uma creche, pois viram que a implantação, no final das contas, iria sair muito mais barato que o estabelecimento de

convênios com terceiros. Mas, para chegar até aí, houve um caminho.

Em julho de 1979, o grupo aplicou uma pesquisa junto à categoria, para verificar como é que era feita a guarda dos filhos dos funcionários da Varig/Cruzeiro. Mais duas outras foram realizadas com o mesmo objetivo. Os resultados: existem 382 crianças de 3 meses a 6 anos, que ficam com um dos pais, com avós ou familiares, durante um período longo e distantes da mãe ou do pai. "A reação da categoria", diz Ana Maria, "foi positiva em relação à possibilidade de uma creche".

Assim, o grupo formado por uma psicóloga, um professor, arquiteta, engenheiro, um casal, uma pessoa sem formação superior, dois administradores e mais dois outros interessados, todos aeroviários, passaram a pesquisar a possibilidade de um convênio ou de aluguel de uma casa, para estabelecer a creche. Chegaram à conclusão de que a solução menos dispendiosa seria mesmo a construção. "Aí, começamos a procurar um terreno, perto do aeroporto do Galeão, mas em área que não tivesse barulho e em condições de acolher uma creche".

O primeiro órgão a ser procurado foi a Arsa — Administração dos Aeroportos, que doou um terreno a um quilômetro da pista, sem condições de implantação da creche: os aviões pousam de cinco em cinco minutos e o barulho é ensurdecedor. Outro terreno escolhido ficava em local bom, mas sem infra-estrutura de água e esgoto que comportasse a creche. Uma outra tentativa foi feita junto à Prefeitura da Ilha do Governador, mas como se trata de área militar, a prioridade evidentemente não era para instalação de creche, e os trâmites



burocráticos iriam demorar muito.

O grupo de comissários resolveu ir até o Ministério da Aeronáutica em outubro do ano passado, que se mostrou receptivo e doou uma área na ilha, em localização nobre, próxima ao aeroporto.

Hoje, há outras associações de funcionários de outras empresas interessadas na implantação deste projeto, previsto para custar Cr\$ 240 mil. "A proposta é tentar encaminhar de forma conjunta a implantação", explica Ana Maria. Começam a participar do plano e da luta reivindicatória as associações de pilotos da Varig, de Funcionários da Cruzeiro, Empregados da Arsa, Pilotos da Transbrasil, Comissários do Brasil e também dois sindicatos — Aeroviários e Aeronautas, além da Federação dos Empregados em Transportes Aéreos.

Ana Maria prossegue: "Descobrimos um plano de financiamento especial para sindicatos, através de um Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social e pretendemos acioná-lo. Queremos também

que se faça um conselho das associações no sentido de encaminhar a administração e implantação da creche".

O montante de dinheiro que cada empresa terá de aplicar é equivalente à quantia de 15 vagas em creche particular, durante um ano. Ana Maria: "As empresas não se têm mostrado muito dispostas a colaborar, inclusive tentaram bloquear a ação do grupo que vinha reivindicando e se organizando para a creche. No entanto, encaminhamos uma denúncia ao Ministério do Trabalho e vamos entrar com o pedido formal para que elas participem do plano, destinando aquela verba, brevemente".

O mais importante, além da possibilidade de uma creche que atende aos horários do pessoal, é também a mobilização que houve em torno da proposta: "Neste processo, muita gente começou a perceber que poderia participar e começou a lutar. Nesta campanha os funcionários executam a participação que não tinham o hábito de exercer".

Feminismo

A gota d'água da violência

IREDE CARDOSO

María Raimunda Soares da Rocha, 20 anos, está presa. Ela matou, com dois golpes de faca, um desconhecido no interior de ônibus da CMTC, depois de ser insistentemente assediada, de forma ofensiva e violenta, segundo dizem as notícias. Era madrugada e ela estava com o noivo, mas o desconhecido não se intimidou. Como o ônibus estava lotado, o rapaz foi "aproveitando". O namorado não disse nada. Mas ela não gostou e mudou de lugar. O desconhecido não desistiu. Ai já saiu um ríspido bate-boca. O namorado quiéto. Um passageiro, percebendo a situação, ofereceu seu lugar para a moça. Bom, ai, ela se sentou e o desconhecido simplesmente deu alguns pontapés em Raimunda. Foi o que bastou.

O corpo do desconhecido foi removido para o IML, com o braço e o pescoço atingidos.

Essa história aconteceu na madrugada de quinta para sexta, em São Paulo e deixou muitas pessoas perplexas. E mesmo uma reviravolta. Alguém falou: "Mas também é irritante como esse homem agiu". Outra: "Também não era necessário matar desse jeito". Outra: "Eu, se alguém me fizer assim, mato mesmo, se estiver armada". O fato é que uma conduta opressiva e machista parece não estar mais sendo aceita com silêncio ou passividade. Será apenas uma exceção ou a nossa consciência está mudando? Sempre que ocorre uma mudança, ela tende a ser extrema. Não há como refutar que a conduta de homens em relação às mulheres, multíssimas vezes tem sido insuportável. Em todo caso, a pressão da situação em que vivemos e os estímulos que as mulheres têm recebido para não serem submissas ou sofrer humilhações inaceitáveis, estão produzindo efeitos inesperados.

Por que as mulheres têm medo? O presidente da UNE, o jovem Javier, por exemplo, é de opinião que há uma concepção alimentada na sociedade segundo a qual a mulher é um ser que deve ser subserviente, que ela deve alimentar os caprichos de quem quer que apareça, seja o chefe, o patrão, ou o marido intolerante ou incompreensivo. Ou mesmo um homem qualquer, desconhecido, que se acha no direito de se utilizar daquele objeto de carne que, para ele, não tem sentimentos, nem inteligência ou mesmo capacidade de se defender. Ai o ledro engano.

Mas é evidente que ninguém concorda com o assassinato. A lição que deve ser tirada desse fato, pensa Javier, é que a mulher mais humilde, das camadas populares, vive sob uma pressão muito grande, que faz com que, muitas vezes, ela reaja de



maneira inconsequente. E isso precisa ser compreendido de forma mais global. Isso tudo quem diz é o Javier. Mas eu me lembro também da Iraldes, apelidada "Marla Picadinho", que pude entrevistar logo após sua detenção por ter degolado e esquartejado o companheiro, depois de 12 anos de espancamentos e torturas inimagináveis. A matéria despertou inúmeras polêmicas. "Por que ela não fugiu?", indagavam alguns, que não leram as informações. Iraldes tentou fugir muitas vezes e era achada sob a mira do revólver do companheiro psicótico. Então, vamos justificar esses crimes? Eis a questão. Que tipos de crimes podemos justificar? Creio que nenhum deles. E não se pode afirmar que vivemos num ambiente de Justiça. E, com relação à mulher, falta muito ainda para que os salários sejam iguais, haja creches, os trabalhos

domésticos sejam divididos. E tudo isso é um crime que se comete contra ela, muitos deles previstos em lei.

A saga de Iraldes foi um rosário de crimes: sequestro, tortura, cárcere privado, ameaças de morte. Bom, foram crimes contra os quais nada se pôde fazer, já que o companheiro dela era um homem protegido por policiais corruptos. O crime de Iraldes ficou na história. Muitas pessoas a criticaram e ficaram horrorizadas com o sangue da violência cozinhada em banho frio. A gota d'água é sempre uma ameaça nunca esperada pelos criminosos, acostumados à impunidade. E um amigo, finalmente, disse: "Os homens não precisam ter medo, só os cafejests". Também é uma frase que merece um tratado. Quantos cafejests estarão por ai, ameaçados pela gota d'água? E, surpresa, não existe a palavra "cafejesta".

EST SP *17/11/82*
Boas creches em Campinas

Durante a recente inauguração da Creche "Beatriz Carvalho Moreira", na Vila Georgina, bairro periférico de Campinas, o dr. Roberto Telles Sampato, secretário de Promoção Social do Município e juiz de Direito aposentado, revelou que, "enquanto São Paulo, com nove milhões de habitantes, atende a seis mil crianças, aquela cidade, com menos de dez por cento dessa população, tem creches para abrigar quase quatro mil menores".

na realidade, essa proteção às crianças é falha e reclama outras medidas, como a tomada pela Prefeitura de Campinas e por outros municípios paulistas.

As dificuldades econômicas criaram os subempregos, recurso ao qual recorrem inúmeras mães para poderem ter um ganho, embora variável e incerto, ao final de cada mês. As mulheres que não trabalham nas grandes firmas dedicam-se a eventuais serviços de faxina ou empregam-se como domésticas. Mas o grande obstáculo que encontram é com quem deixar os filhos. Entregá-los a vizinhas nem sempre constitui a melhor solução, pois muitas que se dispõem a assumir esse encargo exigem uma remuneração em troca, o que torna praticamente nulo o esforço de quem vai passar o dia todo fora de casa, para ganhar, no máximo, ao redor do salário mínimo.

Uma das características da administração do prefeito Francisco Amaral de Campinas, que eliminou de seus planos quaisquer obras faraônicas ou de impacto, tem sido a de, sem alardes, ir levando benefícios sociais aos moradores mais carentes, sobretudo aos residentes nas zonas distantes do centro.

Por esses e tantos outros motivos, as creches municipais são a melhor solução. Cada criança é tratada individualmente, alimentada, medicada e orientada por professores, médicos, dentistas e nutricionistas. Campinas, no governo de Francisco Amaral, construiu 16 desses centros infantis e pretende incentivar a próxima inauguração de muitos outros. O dinheiro público, evidentemente, é bem aplicado porque permite proporcionar aos menores uma assistência integral e mesmo caríssima, que, de outra forma, não seria possível de lhes ser dada.

Para 1982, cada criança custará aos cofres campineiros cerca de 15 mil cruzeiros por mês. As creches, em sua maioria, têm áreas construídas superiores a mil metros quadrados e atendem, cada uma, entre 300 e 400 crianças, de três meses a seis anos. Esses centros infantis contam com berçários, locais para recreação, parques com brinquedos e instalações adequadas à infância, salas de aula, refeitórios, e instalações para atendimento médico de emergência.

Embora a Consolidação das Leis do Trabalho e outras leis tornem obrigatória a existência de berçários em empresas que mantenham um número mínimo de empregadas,

Cidade ganhará mais nove creches no aniversário

F/ Jando 18/11/82

Um total de 15,6 milhões de cruzeiros foram investidos pela Prefeitura na construção de nove creches espalhadas pela periferia de São Paulo, que estarão sendo inauguradas esta semana, dentro das comemorações do 428.º aniversário da cidade.

As novas unidades criarão vagas para 1.320 crianças de até seis anos, moradoras em áreas de São Miguel-Ermelino Matrazzo, Freguesia do O, Pirituba-Perus e Santo Amaro. Cada unidade tem 511,49 metros de área construída e capacidade para atender a 150 crianças, exceto a de Santo Amaro, com 456,50 metros quadrados e vagas para 120 crianças.

Para entregar as nove creches a população, a Prefeitura gastou outros 4 milhões de cruzeiros na compra de material de consumo ou de implantação (fogões, máquinas de lavar, colchões, remédios, produtos de higiene e materiais pedagógicos).

De acordo com o coordenador do Bem-Estar Social, Wilson Quintella Filho, as crianças matriculadas nas creches municipais recebem cinco refeições por dia "e são assistidas por pessoal especialmente treinado para garantir-lhes um desenvolvimento sadio".

"Hoje, a Cobes presta assis-

tência a 6.147 crianças de zero a seis anos de idade — explicou — através de 67 creches diretas e 22 indiretas. Mais 10.899 crianças matriculadas em creches particulares também são beneficiadas pelo município, através de convênio pelo qual a Prefeitura libera, mensalmente, 5.700 cruzeiros por criança inscrita nessas unidades."

INAUGURAÇÕES

Hoje, às 18h30, o prefeito estará entregando a creche do Jardim Vila Carrão, na rua Bartolomeu Antunes (Itaquera-Guanabaras); também hoje, às 20h30, será aberta a do Jardim São, na rua Angelo Bunioto (Vila Prudente); amanhã, às 18h30, do Jardim Damasceno, na rua "10" esquina com rua "12" (Freguesia do O); dia 20, às 18h30, do Jardim Ruth, na rua "7" com Guarabu (São Miguel); dia 21, a unidade do Jardim Ipanema, na rua "11" (Pirituba). Às 19 horas, dia 22, às 18h30, a de Vila Missionária, na rua dos Missionários (Santo Amaro); 23, às 9h30, a de Vila Penteados, na rua José Junqueira Freire (Freguesia do O) e meia hora mais tarde, às 10 horas, a do Jardim Carombé, na rua Rubens Raul Silva (Pirituba); e no dia 24 será aberta, às 9 horas, a creche da Cidade Líder, na rua Anápolis (Itaquera-Guanabaras).

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FOLHA DE SÃO PAULO
Data: 20/01/82
Pág.

Parta n.º

N.º do recorte

Balanço valoriza creche

Um balanço dos quatro anos (1978-1981) de gestão do prof. Valdir Muniz Oliva à frente da Reitoria da Universidade de São Paulo (USP) foi distribuído na noite da posse do seu sucessor — dia 18 — o prof. Antônio Hélio Guerra Vieira.

São 38 páginas impressas, onde ele faz um relato do que aconteceu na USP, nesse período, abrangendo atividades acadêmicas, assistenciais e culturais. O prof. Oliva refere-se à implantação, em 1979, da unidade de ensino e pesquisa do Hospital Universitário, e à ampliação das instalações e atividades assistenciais e de pesquisa do Hospital de Reabilitação de Lesões Límbio-Palatais, da Faculdade de Odontologia do Campus de Bauri da USP.

Ele menciona a existência de cerca de uma centena de cursos de graduação, 306 de pós-graduação (mestrado e doutorado) e 540 cursos extracurriculares. Os convênios internacionais firmados durante a gestão do prof. Oliva também são lembrados no relatório: acordos com as Universidades de Tóquio, do Novo México (Estados Unidos) e de Nápoles (Itália), entre outras.

Quanto às atividades assistenciais, o prof. Oliva lembra que "Iniciaram-se estudos conjuntos entre a Coseas (Coordenadoria de Saúde e Assistência Social da USP) e estudantes, quanto à possibilidade de criação, pela própria USP, de um sistema de fornecimento de

refeições nos restaurantes centrais dos vários campus, através de uma fundação, cooperativa ou algo similar".

F/SP 20/1/82
CRECHE

Como "ponto de honra" de seu mandato, o ex-reitor cita a implantação da creche universitária — "antiga reivindicação, não só de funcionários como também de estudantes e docentes".

O relatório, bem diagramado e acompanhado de 22 fotos, é sintético e objetivo, limitando-se à enumeração de fatos e cifras correspondentes aos quatro anos de seu mandato. Não toca, porém, em assuntos mais polêmicos tais como a crescente falta de verbas na instituição, cujo orçamento está hoje quase todo comprometido com a folha de pagamento de funcionários e docentes.

Em seu relatório, o prof. Oliva refere-se à "ampliação sensível do quadro do pessoal docente em regime de dedicação integral", mas não há uma linha sequer sobre a crise atravessada por alguns institutos, entre eles o renomado Instituto de Física, que vian na falta de recursos uma grave ameaça ao ensino, à pesquisa e à sobrevivência do regime de dedicação integral à Universidade.

Na introdução do relatório, há transcrição de trechos do discurso proferido pelo ex-reitor no dia de sua posse (18 de janeiro de 1978).



Vila Madalena estabelece modelo de lar substituto

Na falta de creches, uma experiência inédita no bairro está sendo executada pelo Centro Cultural da Vila Madalena. Trata-se da criação de "lares substitutos" para crianças cujas mães trabalham o dia inteiro. O primeiro deles funcionou na casa de Teresa (na foto com o filho Luis Cláudio e Pedrinho, uma das crianças de quem cuidou). Página 5.

Lares substitutos: uma experiência que começa a funcionar na Vila.

Teresa, 40 anos, é uma dona-de-casa da Vila Madalena. Seu marido, Carlos, de 55 anos, é mecânico, com salário de 30 mil cruzeiros. Teresa e Carlos têm três filhos. O mais velho, Cristina, de 16 anos, trabalha, e pretende voltar a estudar este ano. Os dois menores, Luis Cláudio, de 9 anos, e Débora, de 7, estudam na EEPG Brasília Machado.

No ano passado, Teresa participou, durante dez meses, de uma experiência nova no bairro. Seguindo sugestão do recém-criado Centro Cultural da Vila Madalena, Teresa foi "mãe substituta" de cinco crianças das redondezas, enquanto as verdadeiras mães trabalhavam. Assim conseguiu ajudar no orçamento doméstico e ainda fazer alguma coisa de que gostava. Enquanto isso, os participantes do Centro Cultural acompanharam o trabalho com as crianças, pensando em expandir esse serviço para outras mães do bairro.

Segundo Josefina Bacariça, uma das organizadoras do Centro, a idéia foi treinar grupos de "mães substitutas" para cuidar das crianças. Para ela, esses lares são muito mais eficientes do que as creches, que atendem um número muito grande de crianças, sem que as "lãs" possam dar uma atenção especial a cada uma delas.

O Centro Cultural da Vila Madalena pretende oferecer treinamento de cuidados com crianças, assistência médica e acompanhamento das mães. No ano passado ele forneceu uma ajuda suplementar de quatro mil cruzeiros para cada criança "adotada" por Teresa. Desse modo, as mães, quase sempre empregadas domésticas sem muito recurso, puderam pagar apenas quatro mil cruzeiros por criança. Ao mesmo tempo, Teresa conseguiu um ajuda suficiente para alimentar, vestir e cuidar de cada um dos "filhos" sob sua responsabilidade, e o Centro pôde avaliar os resultados. Segundo Josefina Bacariça, os "lares substitutos" não são uma idéia nova. Eles já existem em outros bairros, mais pobres, onde a solidariedade entre as pessoas é maior. Mas justamente devido à pobreza das famílias, a experiência fracassou.

Assistência às mães

O principal problema encontrado pelas participantes do projeto até agora foi o acompanhamento das mães. Elas não se interessam, ou não puderam manter um contato grande com Teresa ou com o Centro. Isso motivou um apego da "mãe substituta" pelas crianças. Teresa até gostaria que as crianças pudessem pernoitar em sua casa, e vissem as mães eventualmente.



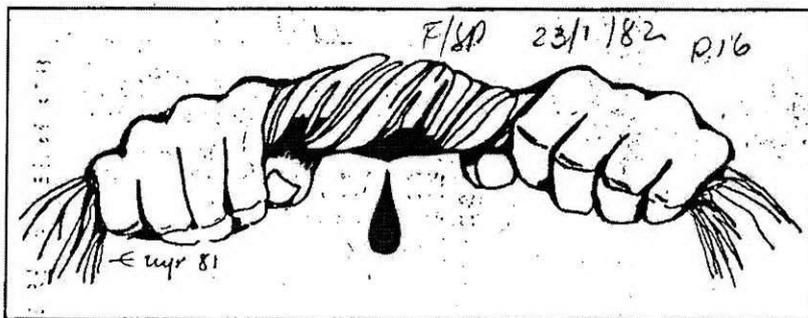
Para Teresa, cuidar das crianças é um trabalho agradável.

Mas esse não é o objetivo do Centro. O "lar substituto" deve funcionar apenas enquanto as mães trabalham, como uma opção de creche. Mas não deve interpor-se entre a criança e sua mãe, por mais que existam problemas no seu relacionamento. E sabe-se que, em alguns casos, eles realmente existem e são sérios.

Na casa de Teresa, foram admitidas cinco crianças, de idades que variavam entre alguns meses e nove anos. Ela sorri com saudades da lembrança de seus "filhos". Embora, como explique, sempre procurou ensiná-los que ela era apenas uma "tia", pois a verdadeira mãe estava em suas casas.

Da experiência do ano que passou, Teresa guarda apenas uma queixa. As dores nas costas de tanto baixar e levantar para lavar e passar roupa. Ela só tinha a filha mais velha para ajudá-la com as crianças, e por isso teve que contratar uma pessoa para lavar a roupa. Além disso, só sente preocupação com o destino das crianças, principalmente de Daniela, de um ano, e que chegou a sua casa muito magrinha, com dificuldades de fala e locomoção. Algumas crianças mudaram-se do bairro e as mães não puderam continuar com o serviço. Outras continuam a visitá-la freqüentemente. Teresa quase não vê mais Daniela, mas se preocupa ainda com seu bem-estar.

A partir de março, as organizadoras do Centro Cultural de Vila Madalena pretendem iniciar os cursos de mães substitutas e entrevistá-las. Enquanto isso, as mães interessadas podem telefonar para o número 815-4767 para maiores informações e seleção de pessoal.



As donas de casa de Bauru boicotam o pão

BAURU — As donas de casa da cidade estão voltando a fabricar o pão em casa, depois que o médico sanitarista Sebastião Cavalli, diretor da Divisão Regional de Saúde, denunciou, com base em exames feitos pelo Instituto Adolfo Lutz, que 25 das 26 padarias do município estão comercializando pães contendo bromato de potássio. A denúncia foi feita há alguns dias e logo apoiada pelo Centro de Defesa do Consumidor e Movimento Contra a Carestia (MCC), cujos dirigentes passaram a procurar a imprensa para alertar a população sobre o problema e incentivá-lo a fazer o seu próprio pão.

Diante desse verdadeiro boicote das donas de casa, as padarias estão acusando essas entidades populares e a imprensa de estarem movendo uma campanha difamatória contra elas e estão colocando em dúvida o sistema de análise do Instituto Adolfo Lutz.

Até agora, foram liberados os nomes de 12 padarias que estão vendendo o pão com bromato de potássio, substância que, comprovadamente, é prejudicial à saúde. Assustada, a população passou a procurar o Centro de Defesa do Consumidor, o MCC, os jornais e as emissoras de rádio e TV, interessada em obter receitas de pão caseiro (só o MCC chega a receber cerca de 50 telefonemas por dia). Essas receitas vêm sendo divulgadas frequentemente.

DEFESA

Tentando se defender, a Associação

dos Panificadores, além de colocar em dúvida o sistema de análise adotado pelo Adolfo Lutz para verificar a presença de bromato de potássio no pão, está alegando que a substância poderia estar na farinha de trigo.

“Se os panificadores pretendem provar essa hipótese, que solicitem a análise da farinha”, disse o médico Sebastião Cavalli, ao refutar a defesa das padarias.

De qualquer forma, diante do levantamento das suspeitas quanto à análise, o delegado de polícia Jorge Miyashiro assegurou que o inquérito policial instaurado para apurar a denúncia investigará todas as hipóteses até que se chegue aos verdadeiros responsáveis pela adição do bromato de potássio ao pão. “Constatado isso, os culpados serão punidos de acordo com a legislação vigente”, garantiu.

PROCESSO

A Associação dos Panificadores vem publicando comunicados na imprensa local, acusando pessoas e entidades de fazerem campanhas contra as padarias, ameaçando-as de processo “por incentivar o boicote às panificadoras, divulgando receitas anti-higênicas de pães”.

Já está movendo um processo por difamação contra o vereador Oto de Carvalho (PDS), ferrenho acusador do uso de bromato em Bauru.

Feminismo

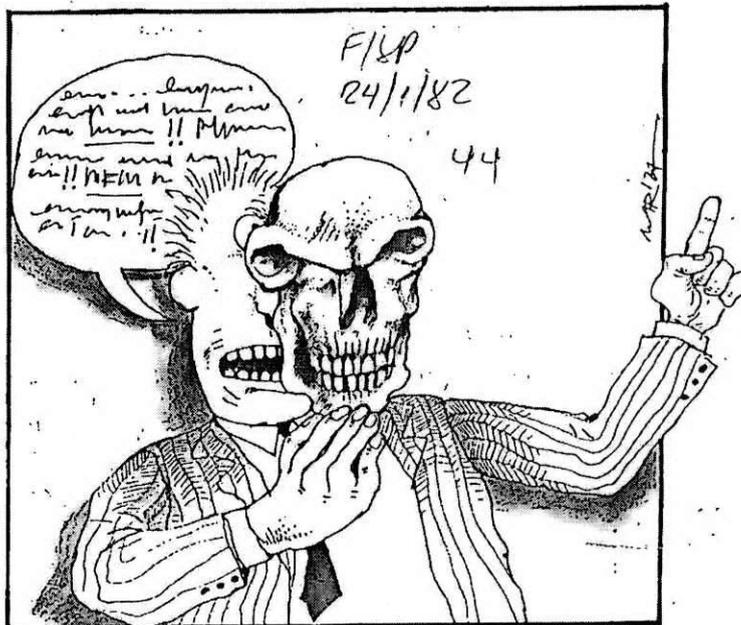
Beleza, coragem e trabalho

IREDE CARDOSO

Neste País há um grupo bastante organizado em termos ideológicos que, conscientemente ou não, aposta nos conceitos fascistas sobre a pessoa. Desconfiado de todos os sentimentos, interpretando manifestações de carinho como exploração ou desejando destruir toda uma vida de trabalho artístico-político com laudos sob suspeição, essas pessoas são o terreno fértil no qual viceja o autoritarismo.

E nada existe de mais oposto ao feminismo que o autoritarismo. Se há um poder que as feministas desejam — ainda que seja difícil praticar cotidianamente tal aspiração — é aquele que vem do consenso, do trabalho feito com garra e do esforço dirigido para o melhor. Essa vida assim construída dentro do respeito, cujo poder se torna imbatível, deve, precisa ser, para os que ainda carregam dentro de si as frustrações de uma classe média empastada pelo fracasso do "milagre brasileiro", destruída de alguma forma. A história da morte de Ellis Regina é um exemplo desse divisor de águas. Colocando de lado a questão da cocaína — sob suspeição — creio que o problema precisa ser encarado de um ponto de vista mais amplo: a questão do direito de viver e morrer da forma que nos mais atrai. Posta assim, a frase dá, à primeira vista, impressão de que é extremamente individualista. Todavia, nossas opções são inteiramente carregadas de toda nossa história de vida e aquilo que deixamos para os nossos contemporâneos é o maior testemunho de tudo o que amávamos e respeitávamos. O problema é muito mais político do que, habitualmente, é percebido. Há regras e normas em nossa sociedade e a todas elas temos o direito de questionar. Em nós, o princípio da vida é tido como um dos mais sagrados. E, por não percebermos que vida tem um significado bastante amplo, tendemos a colocar sob nossa crítica, aquilo que diz respeito à vida de cada um. Censuramos comportamentos pessoais resultantes de opções que desconhecemos. E, por desconhecermos as razões, sempre corremos o risco de estarmos avaliando mal e injustamente.

Quando não compreendemos algo, ou não temos elementos suficientes para explicar uma atitude, o correto,



penso eu, é suspender o juízo. No caso da morte de Ellis Regina, não nos compete misturar coisas tão distintas, com o valor da vida desta mulher, de resto sofrida como é a vida das mulheres que procuram ser livres para decidir o que consideram melhor para si, com um incidente discutível e sem importância.

As feministas têm debatido muito entre si e consigo próprias, a questão do poder. Permitir que a versão oficial da morte de Ellis venha a se sobrepor a tudo o que a magnífica artista nos deixou, é permitir que uma determinada visão política — fascista — da vida seja mais poderosa. E poderosa no pior sentido da palavra: poderosa dentro de nós mesmos.

Permitir ainda que a questão da droga seja associada a perversões pessoais, caráter mal formado ou decadência pessoal, é assumir uma posição que em nada contribui para nossa compreensão do mundo que nos cerca. Juízos de valor, num caso como este, estão longe de clarear e mostrar toda a racionalidade do mundo que nos cerca. E, se tais juízos só vêm para confundir, é preciso que haja uma reação positiva de todos aqueles que apostam na esperança,

para que não se ponham em defensiva e passem a adotar teses que, por mais opostas aparentemente, desaguam no mesmo rio do moralismo rançoso que teima em persistir em certas áreas.

As feministas têm discutido entre si e consigo próprias, a questão da liberdade. E ela nos leva a todos os caminhos possíveis e imagináveis, quebrando regras severas que nos trazem às vezes, consequências desastrosas. Mas consequências de atos assumidos consentente e corajosamente. Se aguentamos, o tempo dirá. E só a nós compete dizer se valeu ou não a pena. Se contarmos com amigos, com a solidariedade, não haverá ninguém dizendo que não valeu. Como Ellis não está conosco para dar o seu balanço, fazemos nós mesmas, o balanço por ela.

Ellis, valeu. Há mulheres que morrem tarde, muito tarde e não nos deixam senão o rancor e o ressentimento. A sua herança vai frutificar. Você partiu cedo demais de nosso convívio. Mas deixou séculos de história de solidariedade, beleza, coragem e trabalho. Você me escreveu, dizendo que era minha fã. Eu sei que você lida esta coluna. E fã, se há alguma, essa sou eu que sempre serei.



428º ANIVERSÁRIO

São Paulo tem sua graça, sua beleza, seus espaços criativos e oportunidades, mas não consegue esconder suas dores, suas feridas: favelas, desemprego, poluição, problemas de trânsito, habitação, alimentação, educação e saúde. Para minimizar os problemas da população mais carente da cidade, existem inúmeras entidades e associações. E o CMV - Corpo Municipal de Voluntários - é uma delas.

Voluntariado

esta convidado(a) tr r nessa luta



Maria do Carmo: no comando de 800 voluntários.



Ligia Machado: "Gastos do CMV são de Cr\$ 4 milhões por mês."

O CMV tem a função de auxiliar a Prefeitura nos serviços de assistência médico hospitalar, educacional e social. Para isso, existem cerca de 800 voluntários atuando em 80 locais espalhados pela cidade. O trabalho é desenvolvido em hospitais, postos de saúde e de distribuição de remédios, clubes de mães, gestantes e jovens, creches etc., comandado por Maria do Carmo Padovan de Barros, esposa do prefeito Reinaldo de Barros.

Paulista de Botucatu, mãe de três filhos, Maria do Carmo, logo que assumiu a presidência do CMV, em 1979, procurou aglutinar, em torno de cada núcleo, voluntários do próprio bairro carente.

O CMV é mantido através de doações de particulares, chás beneficentes e de um auxílio da Prefeitura. Em 1981, esta ajuda foi de Cr\$ 1,3 milhão. "Recurso que não dá nem para um mês" - afirma Ligia Vargas Machado, vice-presidente do órgão. "Os gastos mensais alcançam os Cr\$ 4 milhões. Só em remédios, que são distribuídos gratuitamente, chegamos a Cr\$ 1,5 milhão mensais."

Para pagar as despesas do CMV, muitas vezes, Maria do Carmo Padovan usa de sua influência como esposa do prefeito. "Outro dia precisava de Cr\$ 1,2 milhão para liquidar nossa conta de remédios - conta Maria do Carmo - e não tive dúvidas: fui aos donos do restaurante Gallery e expliquei-lhes a situação. O problema foi resolvido." Foram cedidos o local e a comida e Maria do Carmo convidou 400 pessoas, cobrando Cr\$ 3 mil de cada uma.

Para ser um voluntário do CMV, o interessado deve participar do Ecco - Encontro de Criatividade Comunitária. Um cursinho que tem a duração de um mês, com palestras e visitas aos locais onde atua o CMV. "Através do curso afirma Ligia - é muito mais fácil a pessoa escolher em que área quer participar como voluntário." Para supervisionar e visitar sistematicamente os núcleos, o CMV tem cinco assistentes sociais responsáveis, cada uma, por uma região da cidade.

Na área de saúde, a atuação do CMV é grande. Somente nos hospitais municipais de São Miguel, Tatuapé, Ipiranga, Perus, Pirituba e no Pronto-Socorro Municipal de Santo Amaro trabalham mais de 200 voluntários. Nestes locais, e também no Hospital e Maternidade Vila Nova Cachoeirinha, o CMV doa mensalmente 500 enxovais de bebê. No ano passado, 50 voluntários distribuíram mais de 32 mil remédios a cerca de 13 mil pacientes nos cinco postos de distribuição gratuita de medicamentos mantidos pelo CMV em São Miguel, Itaqueira/Guaianases, Penha, Campo Limpo e Ipiranga. Foram doadas também 34 cadeiras de rodas, 43 aparelhos auditivos, próteses e 40 muletas. Além disso, nos hospitais, os voluntários ajudam na triagem e encaminhamento de casos urgentes para os departamentos adequados ou hospitais especializados, dão esclarecimentos pediátricos e de higiene infantil e promovem recreação para crianças convalescentes.

CLUBES E CRECHES

O CMV mantém 27 clubes de mães, seis clubes de gestantes, três clubes de jovens, uma creche e três prezinchos. Nas reuniões semanais de clubes de mães, são discutidos os mais diversos temas: educação de filhos, problemas conjugais, alcoolismo, droga, culinária etc. As mães executam também trabalhos de tricô e crochê, pinturas em pano, que são vendidos em bazares. Para facilitar a participação, nas reuniões, das mães que não têm onde deixar seus filhos, os voluntários do CMV promovem nos próprios clubes lazer educativo, atendendo cerca de 60 crianças em cada unidade.

Nos clubes de gestantes, mulheres do 1.º ao 8.º mês de gravidez recebem orientação sobre higiene infantil, como registrar o filho e material para confeccionar o enxoval do bebê. Os clubes de jovens foram criados somente no ano passado. Nas reuniões, são debatidos problemas pertinentes aos

adolescentes e são desenvolvidos trabalhos artesanais, culturais e atividades esportivas.

Em maio de 1981, o Centro Municipal de Voluntários instalou sua primeira creche: a Creche Professora Eunice Pinheiro Machado Padovan, no bairro de São Mateus, onde estão sendo assistidas 110 crianças de um a seis anos de idade. Três prezinhos, para crianças de três a seis anos, também são mantidos pelo CMV.

CURSOS

No ano passado, 4.212 alunos frequentaram os 234 cursos profissionalizantes oferecidos pelo CMV. Sempre em função do interesse e da necessidade da população dos diferentes bairros, os cursos são ministrados por professores especializados pagos através do convênio CMV - Coordenadoria do Bem-Estar Social. Segundo Maria Helena, assistente social, todo o material de todos os cursos é doado e os locais das aulas são os mais variados: centros desportivos e escolas municipais, sociedades amigos de bairro, paróquias e departamentos femininos. Os cursos mais procurados pelos jovens são os de dactilografia, auxiliar de escritório, office-boy e de empacotador e balconista na época de Natal. As mulheres interessam-se mais por corte e costura, overloque, costura industrial, cursos da área de higiene e beleza e de serviços hospitalares.

Pouquíssimos são os que se interessam pelos cursos de pajem, cozinheira e pedreiro. Em 81, o CMV ofereceu também cursos de eletricitista-instalador, ajustador-mecânico e torneiro-mecânico. No final de cada curso, o aluno recebe um certificado de conclusão da Prefeitura.

Com o objetivo de aprimorar e desenvolver as habilidades já adquiridas nos cursos profissionalizantes, o CMV criou os GTA - Grupos de Trabalho e Aprendizagem. Nos seis grupos instalados em Itaquera, São Miguel, Freguesia do Ó, Vila Prudente e Santo Amaro, os alunos aprendem ainda a comercializar os trabalhos confeccionados por eles próprios.

BRINQUEDOS E TEATRO

Na sua sede, no parque Ibirapuera, o CMV mantém uma oficina de brinquedos, onde voluntários - geralmente moradores da região dos Jardins - transformam sucatas, madeiras, tecidos e outros materiais em bonecas, casinhas, bichinhos, carrinhos etc. No Natal passado, dos 26 mil brinquedos distribuídos, 7.800 foram confeccionados nas oficinas de brinquedo do Ibirapuera e nos núcleos de Vila Arisi, Vila Primavera, Cidade Satélite e Itaquera-Guaianases.

Na área cultural, o CMV implantou com sucesso um projeto-piloto de teatro, coordenado pela atriz Célia Helena, que teve o apoio da Secretaria da Cultura. Nos núcleos do Jardim Damasceno, Jardim Carombé, na Fregue-

sia do Ó, e Bororê, em Santo Amaro, Célia Helena procurou desenvolver a criatividade, verbalização, comunicação e expressão corporal de 150 jovens. O resultado foi dos melhores: um Auto de Natal foi montado pelos alunos e apresentado ao público, no próprio parque Ibirapuera, sob a marquise.

DOAÇÕES

As pessoas interessadas em doar roupas, móveis, utensílios e outros objetos fora de uso, mas ainda em condições de aproveitamento, devem telefonar para o CMV, que mandará retirá-los. Para os doadores e os interessados em ser voluntários, o telefone do CMV é 544-2511, ramais 27, 28 e 29. O endereço é: pavilhão Tibiriçá, parque Ibirapuera, entrada pelo portão 6.

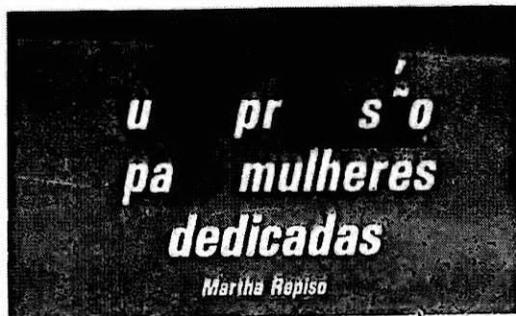
Trabalho

Uma nova perspectiva de mercado de trabalho abre-se para mulheres com idade acima de 25 anos, dispostas a cuidar, quase sempre, de mais de cinco filhos. É a figura da mãe social, cuja profissão está em vias de regulamentação pelo Ministério do Trabalho.

No Exterior, a profissão é reconhecida. Existe até a Escola de Mães, na Áustria, para formar esse tipo de mão de obra. No Brasil, no entanto, a idéia ainda é nova. Apenas algumas poucas entidades assistenciais incluem em sua folha de pagamento funcionárias cuja ocupação é ser mãe. Para essas existe o registro em carteira (normalmente com a denominação de assistente ou ajudante de alguma função), de acordo com as normas da CLT.

Mas a regulamentação pouco vai mudar essa situação, segundo Madalena Guierrez Teixeira, 54 anos, há dois como a mãe de um dos quatro lares substitutos mantidos pela Associação Maria Helen Drexel. Ela recebe um salário - prefere omitir o valor - tem direito a férias (que nunca gozou, "porque não gosto de ficar longe das crianças") e 13.º salário. Mas o aspecto profissional é o que menos importa para ela, que além de ter criado três filhos legítimos cuida de mais nove, ao lado do marido, Otávio.

"A mulher que encara essa função como profissão, nunca vai ter sucesso. Será ambiciosa, pretendendo ganhar sempre mais. Na verdade, as crianças precisam de alguém com um profundo instinto maternal que lhes possa dar carinho, confiança e segurança. Essa tarefa tem de ser encurada,



Madalena: "É mais que uma profissão. É idealismo."

acima de tudo, com muito idealismo."

Moacir Pereira da Costa é também contra a regulamentação da profissão. Não concorda igualmente com o estabelecimento da figura de uma "mãe profissional", e por isso está nos planos da Associação Maria Helen Drexel, que dirige, acabar com o vínculo empregatício com as funcionárias que ocupam os lares substitutos.

No futuro, pretendemos estabelecer apenas um contrato de comodato com o casal que vier a ocupar nossos lares (atualmente, a mulher é funcionária da entidade, mas o marido continua sua vida profissional normalmente). Porque nós não recrutamos apenas funcionários para serem vigilantes das crianças, mas mães e pais que assumam a orientação de seus novos filhos, dando-lhes amor, confiança e segurança.

REGULAMENTAÇÃO

Com 111 casas-lares em todo o País, 51 mães já con-

Para candidatar-se a funcionária das Aldeias, a mulher deve ser solteira ou não ter filhos, ter mais de 25 anos, ser boa dona de casa, ter boa saúde e, sobretudo, gostar de crianças. Vários anúncios em jornais já foram feitos, recrutando mulheres com essas qualidades, mas o retorno é sempre pequeno.

A mesma dificuldade é apontada pela irmã Assunção, responsável pela Comunidade Irmãs Vicentinas - abriga 50 crianças em quatro casas-lares da zona Leste. Quatro mulheres, todas acima de 25 anos, cuidam das casas (de seis a 20 crianças) por um salário pouco maior que o mínimo.

Além de mães elas são profissionais, esclarece irmã Assunção, e pertencem até ao Sindicato dos Empregados em Entidades Filantrópicas. Portanto, nada melhor do que a regulamentação da profissão dessas mulheres que são muito especiais.

trata-se e com vagas para outras 60, as Aldeias S.O.S. iniciaram a batalha pela regulamentação da profissão de suas funcionárias. Miguel Édson Lório explica por quê:

Nós temos o único Centro de Treinamento de Mães do País, pronto para formar uma mão de obra específica. As alunas devidamente selecionadas recebem aulas que vão desde noções de puericultura até economia doméstica, e é justo que tenham sua profissão reconhecida.

Miguel atribui a dificuldade das Aldeias para recrutar essas funcionárias à não-regulamentação da profissão, "embora elas já tenham, hoje, registro em carteira e todas as garantias estabelecidas pela CLT". As mães sociais das Aldeias S.O.S. recebem, inicialmente, um salário mínimo, triplicado após os três meses de experiência.



Colégio
Mulher

Uma nova proposta!

Este é o curso feito para você.

Para você que sabe e quer saber mais.

*As matérias serão dadas da maneira mais lógica:
examinando causas e conseqüências, através de
uma nova metodologia.*

*Palestras, atividades culturais e o apoio de
modernos recursos tecnológicos, em ambiente fino
e acolhedor.*

Você terá também, como matéria adicional:

Administração da Micro-empresa - seu lar.

*Em um ano e meio receba seu diploma de 2º grau
com habilitação para faculdade.*

*No Colégio Mulher o centro de interesses será
você.*

*Você sabe o quanto é importante ampliar seus
horizontes de mulher atual.*



Rua Humaitá, 483 - Bela Vista
Fones: 36-1435 e 37-3454

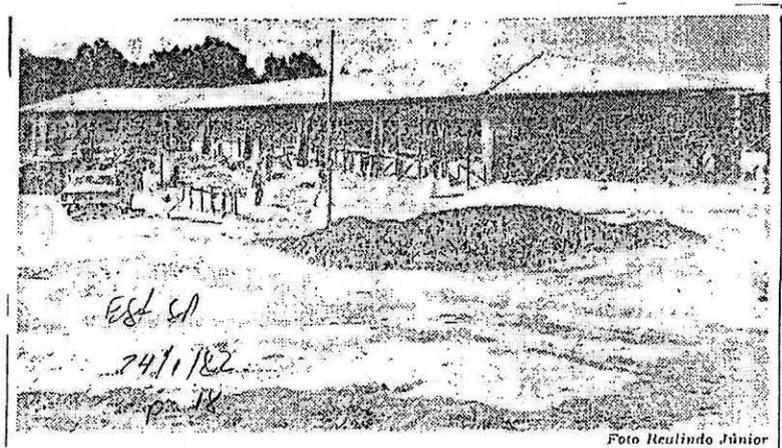


Foto Reulindo Júnior

A Fundação está construindo duas creches

Em Franca, creches terão escolas anexas

Do correspondente em
FRANCA

A Fundação Educandário Pestalozzi, da cidade de Franca, decidiu instalar escolas de primeiro grau nas duas creches que inaugurará ainda em janeiro corrente. O presidente da instituição, médico Tomaz Novelino, confirmou que, dentro dos programas básicos da Pestalozzi, está previsto o funcionamento das escolas já neste primeiro semestre.

Há alguns dias, com muito entusiasmo e disposição, apesar de seus 80 anos de idade, o médico Novelino levou às novas sedes diversos amigos. E contou os planos para fazer funcionar mais duas unidades assistenciais da Pestalozzi, atendendo a 400 crianças, filhos dos trabalhadores dos bairros Petrópolis e Santa Helena.

A Fundação Pestalozzi de Franca tem 36 anos de existência e já mantém uma creche que atende a 225 crianças de quatro a 14 anos de idade. Agora, as atividades serão aumentadas consideravelmente. Com o lucro resultante de uma indústria de calçados, que exporta para diversos países, a instituição adquiriu o prédio da vila Santa Helena, que pertenceu à antiga Indústria Emmanuel. No City Petrópolis, recebeu parte dos terrenos em doação, e adquiriu glebas anexas, construindo os dois prédios.

Graças a essa iniciativa a cidade já tem assegurados os projetos assistenciais. As duas creches terão escolas com professores mantidos pela própria instituição, a exemplo do que já ocorre no Educandário Pestalozzi, uma escola de primeiro e segundo grau, que mantém também um conservatório musical.

Creche para carentes vai pagar ICM

Est. SP 24/01/82

O Centro Comunitário e Creche Rio Pequeno, que atende hoje 170 crianças do Butantã, está ameaçado de não poder ampliar suas instalações para abrigar um número maior de crianças carentes: um convênio nacional determina, já a partir deste mês, que todas as entidades que comercializam algum produto sejam enquadradas no pagamento de 16% de ICM.

A informação foi confirmada por um funcionário da área tributária da Secretaria da Fazenda e, ao mesmo tempo, por Blandina Meirelles, presidente da creche, assustada "com a fúria do ICM, que não poupa nem uma entidade como a nossa, reconhecida como de utilidade pública e com objetivos essencialmente sociais".

Com 40 funcionários e uma despesa mensal em torno de Cr\$ 1 milhão, o Centro Comunitário e Creche Rio Pequeno sobrevive graças aos convênios que mantém com o Juizado de Menores, Cobes e Febem, à ajuda que recebe da Prefeitura e do Estado e aos donativos. No entanto, é a oficina de costura, que fornece aventais e uniformes para empresas como Sadia e Sabesp, que responde por grande parte das despesas da entidade, além de proporcionar trabalho para as mulheres do bairro.

Foi com o lucro da oficina de costura que a creche pôde concluir, em 1980, seu berçário, que atende atualmente 52 crianças de três meses a três anos. E é com ele que Blandina pretende concluir a montagem de uma miniusina para produção de leite de soja que, além de suprir as necessidades da entidade, será fornecido à população carente do bairro por preços simbólicos.

Hoje, o Centro Comunitário e Creche Rio Pequeno dispõe de gabinete odontológico, consultório médico, salas para crianças matriculadas no maternal, jardim e pré-primário — são 120 entre três e sete anos —, berçário, lavanderia e oficina de costura, além de manter duas vezes por semana, um plantão social que atende aos moradores de Rio Pequeno, fornecendo agasalhos, alimentos, gás, sapatos, remédios e, muitas vezes, dinheiro para o pagamento de aluguéis ou prestações de casas e lotes. Segundo Blandina, a partir de março a creche receberá também crianças entre sete e 10 anos que, depois da escola, irão para lá estudar e lanchar.

Campanhas de saúde por rádio e televisão

Da sucursal de BRASÍLIA

Saúde familiar, envolvendo tuberculose, dermatologia e câncer, vigilância sanitária, doação de sangue e, pela primeira vez nos últimos anos, a febre amarela urbana são alguns dos temas das 14 campanhas de comunicação social que o Ministério da Saúde lançará este ano, utilizando 129 emissoras de televisão, 1.234 emissoras de rádio e 3.654 serviços de alto-falante. Segundo o plano aprovado esta semana pelo ministro Waldyr Arcoverde, serão veiculadas novamente as campanhas de divulgação da vacinação contra a poliomielite, sarampo e triplice (difteria, tétano e coqueluche) e de incentivo ao aleitamento materno.

Considerando que "as campanhas são fundamentais para as ações de saúde, na medida em que buscam a participação da população através dos meios de comunicação, como televisão, rádio e jornal", o plano do Ministério da Saúde prevê sua realização de fevereiro a dezembro deste ano. As novidades, além da saúde familiar, vigilância, doação de sangue e febre amarela, são as campanhas sobre a diarreia infecciosa, iodação do sal, controle da raiva e interiorização das ações de saúde e saneamento.

As primeiras campanhas serão veiculadas na segunda quinzena de fevereiro, na Região Amazônica, e pretendem conscientizar a população local sobre a gravidade da malária e da esquistossomose e a necessidade de que

haja colaboração para adotar medidas de proteção individual e coletiva contra essas endemias. O público a ser atingido são as comunidades instaladas em projetos de colonização agropecuários, mineração, construção de rodovias e de hidrelétricas em implantação na Amazônia.

Na campanha sobre a febre amarela, que será veiculada em todo o País e terá duas mensagens distintas — a vacinação contra a febre amarela silvestre e a vigilância da febre urbana —, pretende o Ministério da Saúde informar à população sobre a "severidade da doença e conscientizá-la quanto à necessidade da vacinação contra a febre silvestre, que impediria o ressurgimento da forma urbana. Quatro filmes de 30 segundos e oito spots para rádio e alto-falante serão veiculados, simultaneamente, durante a primeira quinzena do mês de julho.

Definidos os dias nacionais de vacinação contra a poliomielite, as campanhas de divulgação serão feitas durante a primeira quinzena de junho, em todo o País, e nas 2.ª e 3.ª semanas de agosto. As campanhas contra o sarampo e para a vacinação da triplice serão feitas regionalmente, conforme ficou acertado pelos secretários de Saúde em sua última reunião, em Brasília. A coordenadoria de comunicação preparará o material necessário aos Estados, atendendo às peculiaridades de cada um. Da segunda quinzena de março à primeira de abril, a Região Sudeste fará a vacinação do sarampo e triplice, repetindo-a entre a segunda quinzena de setembro e a primeira de outubro.

Saúde pedirá o controle da publicidade do leite

Est. SP 27.01.82 p 11

Da sucursal de
BRASÍLIA

O grupo técnico-executivo do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno deverá apresentar, nos próximos dias, ao ministro Waldyr Azevedo, da Saúde, proposta de alteração dos dispositivos legais que regulamentam a propaganda de produtos substitutos do leite materno. Uma das prioridades será a proibição do termo "humanizado" ou "maternizado" nas peças de publicidade ou embalagens dos leites considerados substitutos do materno.

Esses estudos, segundo a representante do Ministério da Saúde no grupo, Yeda Paschoel de Oliveira, estão sendo feitos a partir do código internacional sobre a comercialização e propaganda dos produtos sucedâneos do leite materno, aprovado, como recomendação, na última reunião da Organização Mundial de Saúde. Entre outras — sugestões —, o código de ética salienta a

importância de se evitar mensagens que levem pais e responsáveis a considerar tais produtos realmente substitutos do leite natural.

A propaganda dos sucedâneos do leite materno, o trabalho da mulher fora de casa e a instalação de berçários nos hospitais, decalivando, consequentemente, o "aleitamento conjunto", onde o bebê fica com a mãe logo em seguida ao nascimento, são, na opinião do grupo executivo do programa, os principais fatores que provocaram uma queda "assustadora" nos índices de amamentação em todo o mundo, nos últimos 40 anos.

Ainda hoje, no Brasil, embora já se saiba que o programa, após 10 meses de funcionamento, está apresentando resultados satisfatórios, é registrado um índice pequeno de mães que amamentam até o terceiro mês de vida da criança. Recente pesquisa mostra, por exemplo, que em São Paulo apenas 11% das mães amamentam até o terceiro mês, enquanto no Recife esse índice

cai para 4%. Outro trabalho indica os prejuízos econômicos que a falta do aleitamento traz ao País considerando que, uma vez interrompida a amamentação, é preciso comprar leite industrializado. A maior parte é importado e nele são gastos anualmente, a preços de abril de 1980, Cr\$ 7,2 bilhões.

Mostram os mesmos estudos que se as mães brasileiras amamentassem até o sexto mês, produziriam 300 milhões de litros de leite, enquanto hoje essa produção não chega a 120 milhões. Esses dados foram debatidos ontem durante reunião realizada entre o grupo técnico-executivo e o ministro interino da Saúde, Mozart de Abreu e Lima, quando foram avaliadas as ações do programa no ano passado.

Da reunião, concretamente, segundo Yeda de Oliveira, ficou acertada a participação no grupo da Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, além da Sociedade Brasileira de Pediatría que, desde o início, compõe a comissão executiva do programa.

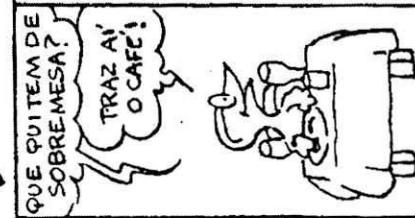
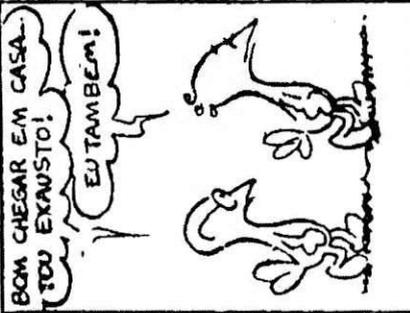
São Paulo

Ano de impasses no movimento

Saimos de 1981 com um saldo de impasse para os grupos feministas de São Paulo. Sua única aparição pública deu-se no 3.º Congresso da Mulher Paulista, mesmo assim, desorganizadamente. Ao mesmo tempo, crescem os grupos de trabalho, reunidos em torno de um tema prático, como o S.O.S. Mulher e os Grupos de Sexualidade e Saúde. Para explicar esta dicotomia, EM TEMPO procura analisar os sete anos de feminismo organizado em São Paulo, buscando um salto de qualidade na militância feminista.

Por Maria Teresa Verardo

Os grupos feministas (Centro da Mulher Brasileira, surgido em 1975; Brasil Mulher, 1975; Nós Mulheres, 1976; Associação das Mulheres, 1978; Frente das Mulheres Feministas, 1979) formaram-se em torno da reflexão sobre a especificidade feminina e tiveram um papel importante por romperem o isolamento de várias mulheres aticentão nucleadas em suas tarefas domésticas, propiciando a descoberta de sua identidade enquanto mulheres e seu próprio conhecimento. Através destas reflexões, transformam-se o individual em coletivo, dando ao privado o caráter político e a possibilidade de ser transformado na luta.



Parta n.º 1112
N.º do recorte 1112

Jornal: EM TEMPO
Data: 11-27 01/1982
Folha: 11

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

primeira vez, foi possível às feministas irem até a periferia bater papo sobre o feminismo, sobre a violência, tão presente no cotidiano destas mulheres.

Novos rumos: sexualidade e saúde

Em meados de 1981 surge outro tema com um grande potencial aglutinador: a sexualidade. O grupo Sexualidade e Saúde, surgido da Associação de Mulheres, transformou-se rapidamente num frente de vários grupos e já orgaizou, até agora, cinco cursos com relativo sucesso. Principalmente em Osasco e em (periferia sul de São Paulo) onde as mulheres eram proletarizadas e o nível de informação bastante precário, o curso mulheres partindo para outro tipo de atividade: Associação das Mulheres do Grajaú e novos cursos em Osasco, agora com os companheiros das participantes e com adolescentes, tendo uma das primeiras alunas como professora.

O potencial deste tipo de curso parece enorme, mas apenas para a primeira aglutinação das mulheres. Fim do curso, é preciso pensar em formas de continuidade e em pessoas dispostas a acompanhar o trabalho, até que as mulheres se sintam capazes de caminhar sozinhas. E, se o potencial do tema sexualidade vem da grande falta de informação das mulheres sobre o seu próprio corpo, se o Grupo Sexualidade e Saúde conseguiu descobrir a forma de chegar até elas, não conseguiu ainda coordenar este trabalho disperso e dar-lhe direção. Esse problema aponta para um desenrolar semelhante ao do S.O.S., se não se encontrar uma saída imediatamente.

Política ou partidarização do movimento?

A questão da politização do movimento de mulheres é resolvida pelas funda-

mentas da Federação das Mulheres Paulistas (4 de outubro de 1981) com o simples aparelhamento do movimento, que passa a servir a seus partidos. Isso fica claro: agora se observamos que a Federação até mesmo não cumpriu nada de sua programação definida em Congresso, não organizou nenhuma campanha, mas já serve como trampolim para o lançamento de sua presidente, como candidata a vereadora pelo PMDB.

Grupos de Trabalho: a união em torno da prática

Por outro lado, ao mesmo tempo em que os grupos feministas começam a sentir a crise de esvaziamento, surge o primeiro grupo de trabalho, o S.O.S. Mulher (10 de outubro de 1980), com uma atuação prática e com uma resposta concreta ao problema da violência contra a mulher. Esse grupo arrebancha para si descontentes ou insatisfeitas com os grupos feministas, chegando a contar com cerca de 62 participantes no seu auge, número que nenhum grupo conseguiu reunir.

No S.O.S. o clima era de intensa atividade. Exigia-se das pessoas que entravam, somente uma coisa: que participassem da divisão de tarefas, mais nada. Durante um ano de funcionamento, o S.O.S. atendeu cerca de 800 mulheres. O trabalho era grande e fazê-lo era o que importava. Hoje o S.O.S. também sofre de esvaziamento, mas por razões opostas aos grupos feministas. Falta organização, direção, o grupo é conduzido de forma inteiramente anárquica. O medo da burocratização e a absoluta falta de reflexão levaram a um caos difícil ser concretizado.

De qualquer forma, o potencial de aglutinação do S.O.S. é muito grande e não pode ser desprezado. Pela primeira vez, centenas de mulheres da periferia passaram a se aproximar das feministas sem uma atitude de desconfiança. Pela

Durante estes anos, de 1975 a 1981, estes grupos tiveram como principal objetivo propagandar o feminismo, diminuir o nível desta forma o preconceito contra essa questão. Isso deixou de ser suficiente a partir de 1979, quando a questão feminista explodiu nos jornais e na imprensa falada, transformando a mulher numa das principais notícias do ano.

Paralelamente, o movimento popular em geral vivia um momento de politização, com a criação dos novos partidos, a aglutinação das principais lideranças em torno das novas siglas, as questões políticas percorrendo todos os movimentos. Este processo, é claro, afeta também o movimento de mulheres, que já não pode viver alheio à conjuntura, às diversas concepções políticas, à crise econômica, às eleições.

Mas a maioria dos grupos feministas não conseguiu perceber essas insuficiências, ficando totalmente à margem do ritmo dos acontecimentos e da dinâmica do movimento. Sem dúvida nenhuma, a reflexão sobre o movimento de mulheres é de fundamental importância, mas uma reflexão descolada dos acontecimentos, sem uma atuação prática, só poderia mesmo gerar um esvaziamento dos grupos.

Junto a isso, percebe-se uma grande timidez em assumir certas bandeiras fundamentais para as mulheres, como é o caso da luta pela legalização do aborto, que se encontra ainda hoje na estaca zero. A reflexão sobre o aborto, e já se vão anos de reflexão, deixou suficientemente clara a importância desta questão para as mulheres, capacitou as feministas para enfrentarem as teorias que se contrapõem à legalização e encorajou muitas a enfrentarem publicamente os opositores, em debates, jornais e televisão.

Cada "entidade" passa a servir estritamente a uma concepção política, a tal ponto que antigas aliadas na fundação da Federação, como as apoiadoras da **Tribuna da Luta Operária**, sentindo-se alijadas pelo **Hora do Povo**, já fundaram sua própria entidade. Trata-se da Associação das Mulheres Paulistas, com atuação a nível da cidade de São Paulo, fundada em dezembro passado.

O combate a essa partidarização do movimento não é a negação da necessidade de que os partidos políticos tenham propostas para a luta das mulheres. O movimento exige discussões políticas, que possa apontar uma saída para seus impasses.

É esse o papel que vemos no PT, em especial na sua Comissão de Mulheres. Abre-se um ano eleitoral e as mulheres, queiram ou não, serão chamadas a votar. Tentar fazer a dinâmica do movimento de mulheres correr por fora do espaço de discussão que se abrirá com as eleições é uma ilusão e um desperdício. Ou a Comissão de Mulheres consegue construir sua representatividade, vencer as resistências no interior do partido à construção de uma linha de intervenção junto às mulheres e organiza minimamente a atuação petista no movimento, ou ele continuará a ser controlado por aquelas que querem apenas se utilizar da luta das mulheres.

Um encontro da mulher marginalizada

A coordenação foi da CNBB, neste último fim de semana em Carnaíba. Discutiu-se o trabalho da Diocese de Juazeiro que é este, em síntese.

A Escola Senhor do Bonfim tem como objetivo primeiro de promover as prostitutas, fazendo com que elas se sintam "gente", filhas de Deus e capacitando-as profissionalmente, mantendo um clima agradável de amizade e paz, a fim de que elas se sintam bem na escola e na convivência com as companheiras.

Os trabalhos dessa escola estão confiados às Irmãs Oblatas do SS. Redentor, são elas: Irmãs Mercedes, Marlene, Idolina e mais a Provincial, Irmã Maria Dolores Ibanez, da Congregação das Irmãs Oblatas do SS. Redentor, que é uma Congregação Religiosa especializada nesse trabalho pastoral. Essa congregação chegou na escola no dia 29 de abril de 1981, encontrando ali uma equipe de senhoras leigas trabalhando juntamente com as professoras Deusclita (pintura e trabalhos manuais) e Eurídice (artesanato de couro).

As irmãs iniciaram as atividades na Escola, no dia 11 de maio de 81, quando D. Rodrigues convocou uma reunião com toda a equipe para entregar, oficialmente, a responsabilidade da Escola Senhor do Bonfim às irmãs Oblatas do SS. Redentor.

CRIAR UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

O trabalho com as prostitutas em Juazeiro teve início com o 1.º Bispo, D. Tomás Guilherme Murpy C. SS.R., que confiou, primeiro, às irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo e depois às irmãs Cabrini. O trabalho se desenvolvia na antiga Escola Profissional S. José, na Vila Euza, no Bairro do Cosminho. Era pequena e quando chovia, ficava isolada.

A cidade de Juazeiro conta com quase duas mil prostitutas, na sua periferia. Com a finalidade de conscientizar a cidade o atual bispo D. José Rodrigues, apóia o trabalho pastoral com as prostitutas, desfechando uma grande campanha nesse sentido. Era 1978 e o slogan da Campanha da Fraternidade era "Trabalho e Justiça Para Todos".

Com a coleta da CF-78 que deu Cr\$ 47.930,94, com uma ajuda da MISEREOR e com a venda de terras da Diocese, D. José procedeu à obra de reforma e ampliação da Escola Profissional S. José. Quem dirigiu os trabalhos foi Hans Leitner e depois, Celito Kesting. Ficou um prédio grande, com sete salas, cozinha, secretaria, chuveiro e wc. Nisso tudo foi gasta a soma de Cr\$ 1.131.129,99. Reformada e ampliada a casa, as prostitutas escolheram como nome "ESCOLA SENHOR DO BONFIM", devoção querida do povo baiano.

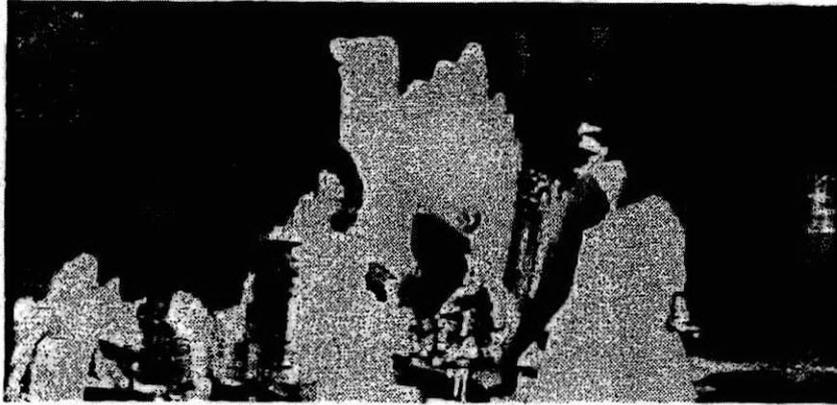
OBJETIVOS DA ESCOLA SENHOR DO BONFIM

As metas de trabalho junto às mulheres é ajudá-las a descobrir seus valores, criando uma consciência crítica, a fim de que elas percebam toda exploração de que são vítimas. Todo trabalho deve responder aos objetivos propostos. Para que isso seja concretizado, a equipe reúne-se de oito em oito dias para uma avaliação do andamento da Escola e propor metas para a semana seguinte.

Os cursos oferecidos pela Escola Senhor do Bonfim são: Datilografia, Corte e Costura, Pintura, Alfabetização, Trabalhos Manuais e Artesanato em Couro. Estes cursos funcionam de segunda a sexta-feira. A Escola é aberta para todas aquelas que o desejarem, independente ou não dos cursos. A Escola é ciente de que qualquer pessoa humana que passa a noite ingerindo bebidas fortes, dormindo mal e alimentando-se uma vez por dia, perde a motivação para qualquer tipo de atividade e não tem disposição para descobrir seus próprios valores. A condescendência da Escola, enquanto horário e tempo, vai ao encontro desta realidade.

ATENDIMENTO MÉDICO

As prostitutas não possuem INPS por esse motivo a Escola serve-se da boa vontade dos médicos. Elas são atendidas pelo Dr. Elias Gomes-Costa, que neste ano teve mais de 50 casos, consultas e internamentos.



Além do trabalho na Escola, dois membros da Equipe se deslocam, todos os dias, para fazer visitas às prostitutas nos seus próprios recintos, onde, vulgarmente, é chamado Zona-Baixo-Meretrício. Está localizada próxima à Escola Senhor do Bonfim. São pequenos quartos com um salão para atendimento dos fregueses. As condições são péssimas: sem esgotos, sem água encanada e sem instalação sanitária. Os quartos são unidos uns aos outros, num total de 6 em cada face. Junto à zona, existem as boates. Estas estão em melhores condições e boa aparência. Em cada uma delas moram de 3 a 12 mulheres. São muitas as boates concentradas em volta da zona e muitas as espalhadas em toda a cidade de Juazeiro.

Dentre os fatos constatados, nas visitas, é que geralmente essas mulheres têm até cinco filhos ou mais e que nenhum deles estudam, ocupando-se da venda de salgadinhos na rua para ajudarem a sustentar a casa. Este é o caso de Teresa. Já Maria mora sozinha pagando de aluguel, três mil cruzeiros, ingere grande quantidade de álcool e por este motivo sofre de virose e outras doenças. Josenilde mora com mais duas companheiras. Tem 28 anos. Teve três filhos e abortou o último por não ter condições de criá-lo. Os casos são os mais variados e tristes. Assim foram atingidas 32 boates com um total de 112 mulheres.

Tiveram assistência médica e hospitalar 50 mulheres. Frente às

autoridades policiais, 10 casos por espancamento, pela própria polícia, onde a equipe responsabilizou-se em levantamento de processos. Encaminhamento para documentação foram registrados 10 casos, através do Centro Social Urbano (CSU). Encaminhamento para emprego 5 casos.

FORMAÇÃO RELIGIOSA E LAZER

Os valores evangélicos, meios fundamentais da liberação, são transmitidos através da catequese, valendo-se dos subsídios oferecidos pela Diocese. Como uma das metas prioritárias da mesma são as Comunidades Eclesiais de Base, se fez um levantamento, aproveitando as visitas, convidando-as para encontros semanais na Escola, visando, a longo prazo, a formação de CEBs e tardes recreativas.

A festa de Nossa Senhora das Grotas, Padroeira da Cidade, marcou a vida destas mulheres. Tiveram a alegria de carregar o andor e de ver passar a procissão pelas ruas da Zona, fato nunca visto em Juazeiro. Contribuiu para isto o tema central da novena: "Maria Libertadora do Povo de Deus". Deu-se oportunidade de participar de um encontro em Carnaíba, onde através de palestras foram esclarecidas sobre seus direitos.

O lazer é indispensável no currículo das atividades. Para este fim organizaram-se passeios, festas de aniversários e outros.

Governo combaterá "creches fantasmas"

BRASÍLIA (FT) — O Ministério do Trabalho está preparando uma portaria com a finalidade de "exterminar" as "creches fantasmas". Segundo técnicos da Secretaria de Relações do Trabalho, a maioria das empresas dos centros metropolitanos realiza convênios com creches inexistentes ou que não têm condições de abrigar todos os filhos das mulheres trabalhadoras. Com a portaria, que será assinada dentro em breve, esses convênios serão homologados depois da realização de vistorias nas creches e berçários por fiscais do Ministério do Trabalho.

Segundo os técnicos, as empresas, para cumprirem a legislação trabalhista, realizam convênios com creches distantes dos locais de trabalho ou de moradia das empregadas, o que força sua não utilização. Sabendo que as mães não utilizarão as creches, as empresas realizam convênios chamados

de "sem berço". Isto é, pagam uma quantia mínima para os berçários somente para comprovarem, no caso de fiscalização, que estão obedecendo à CLT. Contudo, mesmo que uma mãe deseje colocar seu filho nesta creche, não encontrará um berçário.

Até então, o Ministério do Trabalho não tinha ingerência nos equipamentos das creches. Ele só podia atuar a nível de empresa. Com a nova legislação, esse tipo de fraude deverá desaparecer, mesmo porque cada registro de convênio nas DRTs terá validade de apenas um ano. Fim do prazo, as creches terão que comprovar novamente a capacidade de leitos e equipamentos.

F. FAVALE
DEBATE

29/10/82
Essa portaria é a primeira de uma série de que o Ministério pretende adotar este ano com a finalidade de proteger o trabalho da mulher e do me-

nor. A Secretaria de Relações do Trabalho, através da Fundacentro, está reavaliando, por exemplo, todas as ocupações vetadas atualmente às mulheres, por serem consideradas insalubres ou perigosas. Segundo os técnicos, essa lista de profissões já está defasada, já que várias ocupações que deveriam compô-la, não estão incluídas.

Além disso, existe a ideia de se realizar um amplo debate, em forma de seminários, sobre a situação da mulher na força de trabalho. Os seminários deverão envolver representantes feministas, sindicalistas, técnicos do Ministério da Saúde e do Ministério do Trabalho. A ideia é buscar subsídios para uma ampla reforma da legislação trabalhista feminina, bem como conscientizar a mulher de seus direitos, já que, segundo os funcionários do Ministério do Trabalho, a maioria os desconhece.

Prefeito acusado de se promover com as creches

ANTENOR BRAIDO

"Quando assumi eu nem sabia o que era creche", confessou recentemente o prefeito Reinaldo de Barros. "Agora já fizemos mais de cem e temos um programa para construir 300 até o final de nossa administração, cumprindo um programa de grande abrangência social, que vai atender principalmente as populações mais carentes da periferia."

De fato, desde os primeiros dias de sua gestão na Prefeitura — iniciada há dois anos e meio —, uma das principais reivindicações da periferia, através do Movimento de Creches, políticos (principalmente da oposição) e outras entidades, era justamente a construção de creches.

O prefeito ouviu os apelos e até agora o programa de creches já foi cumprido quase pela metade (113 unidades já foram inauguradas), atendendo aproximadamente 9 mil crianças, pertencentes às classes mais baixas da população. Sua "relevante função social" é reconhecida por todos até mesmo pelos adversários de Reinaldo de Barros.

Mas o Movimento de Creches, pais e políticos fazem restrições à forma como são administradas as creches, denunciando a existência de uma "máquina administrativa" implantada pela Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes), que "afasta a comunidade da participação e acompanhamento das creches" e "promove politicamente o prefeito".

O deputado Sérgio dos Santos, do Partido dos Trabalhadores (PT), por exemplo, diz que "as diretoras são obrigadas a "rezar" pela cartilha do prefeito e se não fizerem isso acabam sendo demitidas".

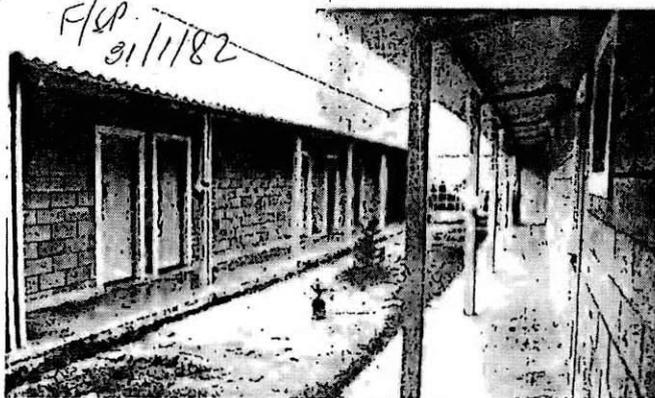
Movimento aponta as falhas da rede

Para um membro do Movimento de Creches do Jardim Ingá (Campo Limpo) — região contemplada com várias unidades — por ser um ano eleitoral, há uma preocupação muito grande em promover politicamente o Prefeito com as creches, esquecendo-se dos problemas que elas apresentam, a maioria dos quais a própria comunidade, se tivesse uma participação mais ativa, poderia resolver.

Conforme afirmou, os problemas das creches da região vão desde a falta de funcionários, equipamentos, incapacidade de preenchimento do número de vagas previstas (120 para cada creche) até a falta de diálogo entre as diretoras (indicadas pelo Prefeito, pois o cargo é de confiança) com a comunidade.

Segundo um integrante do Movimento de Creches do Jardim Ingá "a falta de diálogo entre a diretora da creche e a comunidade resultou, recentemente, em prejuízo para diversas mães que perderam seus empregos porque a creche entrou em férias coletivas de 18 de dezembro até quase o final deste mês. "As mães tiveram que ficar em casa cuidando dos filhos e acabaram sendo dispensadas pelas patroas (a maioria trabalha como diarista em casa de família)", explicou.

O deputado Sérgio dos Santos, do PT, garante que os problemas que afetam a creches de Campo Limpo são praticamente os mesmos dos demais. Ele explicou que conhece muito bem o programa de creches por ter participado e acompanhado grupos que foram ao Ibirapuera reivindicar esse tipo de melhoria.



O pólo devia ser coberto para as crianças brincarem, quando chove.



Geralda Silva: a creche deu condições para ter emprego.



Sérgio dos Santos.



Wilson Quintela, da Cobes.

Fotos: Claudemiro Teodoro.

Sérgio dos Santos admite que o Prefeito fez um "bom trabalho social" — "isso é Inegável", afirma, mas o que a atual administração não pode esquecer é que a comunidade não só reivindicava a construção da creche como também a participação na sua administração, enfim, o trabalho deveria ser feito comunitariamente.

A manipulação política, assegura o deputado do PT, começa na inauguração da creche e se estende pelos demais atos administrativos, terminando com a indicação do pessoal que irá trabalhar nela. Sérgio dos Santos disse estranhar como "nas festas de inauguração, sempre enfeitadas com muitas faixas e música, participem apenas membros da comunidade que sejam do PDS. Se for alguém lá com posições contrárias às do Prefeito, mesmo que seja para fazer um elogio, não poderá falar".

NÃO COMPORTA

Cecília Silva, moradora no Jardim Ingá, está tentando, desde outubro, conseguir uma vaga para seus dois filhos na creche local e até agora não teve sucesso. "Já vim aqui cinco vezes e sempre me dizem que as inscrições serão abertas e eu devo ficar atenta, mas não posso mais esperar. Meu marido está sem emprego e agora que arrumei um trabalho como empregada doméstica não posso aceitar porque não tenho onde colocar os filhos. Acontece que fui informada por uma amiga que a creche tem apenas 88 crianças e poderia receber até 120, mas não pegam mais ninguém porque faltam funcionários".

A diretora da creche, Marlene Teixeira, confirma a falta de funcionários, mas justifica o problema, afirmando que o "quadro está quase completo, apenas três pagens pediram afastamento por problemas diversos e a substituição já foi solicitada". Com o atual quadro de servidores, Marlene diz que "dá para pegar umas crianças a mais mas não podemos preencher todas as vagas".

Conforme integrantes do Movimento de Creches, "cada unidade não tem condições de receber 120 crianças, como é anunciado pela Prefeitura, não só por problemas de falta de funcionários mas também porque o espaço é insuficiente. Alegam ainda que as construções apresentam alguns defeitos "bastante sérios", destacando principalmente a falta de "playgrounds" e de espaço coberto para as crianças permanecerem em dias de chuva e os pisos frios.

O coordenador da Cobes, Wilson Quintela Filho, admite que "algumas críticas são verdadeiras", principalmente a que diz respeito à falta de funcionários. "Atualmente os quadros estão incompletos", informa, com 88% das vagas preenchidas. Estamos fazendo um esforço muito grande para completar, mas dependemos de concurso, exames de saúde, etc." Ele não concorda todavia, com as acusações de que as creches sejam manobradas politicamente.

Com relação aos prédios, Wilson Quintela observa que os construídos na fase inicial do programa podem apresentar algum problema — os primeiros 33 inaugurados, principalmente — "mas os demais foram melhorados, duvido que se possa fazer reparos". Ele acrescenta ainda que "alguns pisos considerados frios demais para as crianças já foram substituídos e os demais serão reformados progressivamente."

O coordenador da Cobes alega que é praticamente impossível deixar para a comunidade a tarefa de indicar os funcionários porque o número de creches vai crescendo e "é preciso montar um esquema administrativo, senão acaba virando uma grande bagunça".

Cobes admite erros, mas promete corrigir

"Graças à iniciativa da administração Reinaldo de Barros e participação efetiva da população no sentido de buscar soluções para os problemas sociais do Município, São Paulo estará, no início de 1982, com 260 creches entre diretas, indiretas e particulares com capacidade de atendimento para 22.456 crianças (de zero a seis anos). Com isso, o Prefeito atende a uma das principais reivindicações da periferia: construir e manter creches que ofereçam às crianças um desenvolvimento sadio, através de alimentação adequada, educação, higiene e controle de saúde."

Esse trecho faz parte de um boletim que a Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes) publicou recentemente, fazendo um balanço do programa de creches. E Wilson Quintela Filho fala com muita animação sobre o assunto, destacando que "o programa é irreversível, pois é uma das grandes metas do prefeito Reinaldo de Barros".

O coordenador da Cobes não sabe afirmar "se com a saída do prefeito — ele deixará o cargo no dia 15 de maio para preparar a campanha ao governo do Estado — o programa vai continuar. O certo é — observa — que nossa meta é construir 300 unidades e estamos decididos a ir até o fim".

Wilson Quintela diz que "antes ninguém se preocupava com creches. Agora que nós estamos fazendo, existe um clamor e recebemos críticas, algumas sem fundamento, outras verdadeiras. Começamos do nada e temos falhas. A Cobes sempre foi um mero órgão da Prefeitura. Agora vem sendo valorizada e precisamos montar uma estrutura maior".

POLÍTICA

As críticas de que o Prefeito manipula as creches politicamente são contestadas pelo coordenador da Cobes. "Não exigimos atestado ideológico de ninguém. Selecionamos funcionários por concurso público, a cargo da Fundação Carlos Chagas e todo mundo, desde que aprovado, pode trabalhar. O que nós não admitiremos é que nos criem problemas como tem acontecido em algumas regiões da periferia, querendo fazer apologia política dentro das creches."

Atualmente estão sendo atendidas pelo programa de creches cerca de 9 mil crianças, número que aumentará à medida que novos prédios forem inau-

gurados. Uma creche custa 25 milhões de cruzeiros, somente a construção, sem incluir os equipamentos. A Cobes gasta 10 mil cruzeiros por mês com cada criança, em alimentação, educação e brinquedos.

Para repor o material quebrado e equipamentos, a Coordenadoria do Bem-Estar Social alugou um prédio de dois mil metros quadrados, próximo a Interlagos, transformando-o em almoxarifado, que tem um estoque de 60 milhões de cruzeiros.

Além de problemas administrativos (falta de verbas e outros) Wilson Quintela disse que no início do programa de creches sofreu uma violenta campanha por parte dos vereadores do PDS que o acusavam de trabalhar com funcionários ligados a movimentos de esquerda. Ele garante que "nunca persegui ninguém por esse motivo" e nem permitiu que os vereadores indicassem funcionários para ocupar cargos.

FÉRIAS COLETIVAS

O coordenador da Cobes garantiu que não sabia do problema do Jardim Ingá, onde várias mães perderam emprego, segundo denúncias do Movimento de Creches da região, porque os funcionários da creche local entraram em férias coletivas. "Nossa filosofia de trabalho é de funcionamento direto. Nenhuma creche vai parar por causa de férias. Quero saber o que aconteceu lá em Campo Limpo."

"AS CRECHES SÃO ÓTIMAS"

Geralda da Silva Amaral levanta todos os dias cedo e leva suas filhas Adriana e Rosana até a creche do Jardim Cupecê. "As vezes elas levantam antes que eu, com satisfação, e querem ir já para a creche. As meninas ficaram mais gordinhas e eu consigo trabalhar fora, ganhando o sustento dos outros três filhos. A creche veio quebrar um galho para mim muito grande. Tenho muitas amigas que querem deixar os filhos lá, mas parece que não tem lugar."

Geralda diz que as "meninas comentam que as 'tias' da creche são muito boas, tratam bem, dão comida boa, brincam. Eu estou muito contente por ter colocado minhas filhas lá".

Julinda da Rosa também deixou dois filhos na creche quando sai para trabalhar, preocupada com o "As creches são ótimas, isso não precisava



À vista, um novo complexo, o de Ephedron

IREDE CARDOSO

Cuidado, homens! Além de ainda manterem mitos com relação às feministas, outras ameaças — internas — estão surgindo. E, para que a segurança masculina seja assegurada, o melhor a fazer, entendemos, é alertar para as novas descobertas da ciência, no campo do comportamento masculino, tendo em vista o surgimento de uma "nova mulher", que traz terríveis consequências ao relacionamento entre casais, especialmente para o chamado sexo forte. A novidade vem do professor Nicolau Cailla — um homem, "portanto insuspeito" — psiquiatra de São Paulo. A questão, de agora em diante, será o... "Complexo de Ephedron". Prestem atenção à história que se segue e, se os homens não lêem essa coluna, que as mulheres procurem transmitir essa nova informação:

"Ephedron, um homem de 38 anos, casado, contador, cultura regular. Submete-se a exames clínicos periódicos e sua ficha médica traduz higidez (saúde) física e mental. Não tem vícios. Casado com Dora há cinco anos, mulher adorável (não por se chamar Dora, claro; grifo meu sensual, feminina, quente, amorosa, sedutora e envolvente. Cultura sofrível, modesta, humilde, mas dotada de boa inteligência". Não têm filhos, mas se divertem. Dora decide estudar, sob a alegação de que quer participar na receita familiar. Adquire, assim, uma invejável cultura. E aí o diálogo que havia entre os dois pifa. Ele se queixa de que ela o olha com ar de superioridade. Dora começa a usar mais e mais calças compridas; fuma muito, bebe e mostra-se exótica para Ephedron. Ele

passa a observá-la com grande curiosidade, em particular seu comportamento sexual e seus órgãos genitais. E começa a perceber que o clítoris de Dora está crescendo, rápida e ameaçadoramente. E sente repugnância: "Sempre fui avesso ao homossexualismo e agora acordo com um ser do mesmo sexo, ao lado. Doutor, isso é torturante. Quero um exame ginecológico (nela), porque não a suporto mais e, possivelmente, após este exame, vou me separar."

Exame médico de Dora: normal, normal, normal, normal.

Conclusão: "Este complexo de Ephedron abrange sinais e sintomas que traduzem o impacto psicossocial no homem em suas relações com a mulher e provocam desequilíbrio de consequências imprevisíveis. É o homem obscurecido, ofuscado pela mulher."

E quem é Ephedron? Um ser contemporâneo, "com referências e expectativas com relação à mulher, de 40 ou 60 anos atrás. Muito adaptado ao machismo e com a resposta do homossexualismo, latente em todos os homens". Essas considerações não são minhas, devo advertir. E o médico recomenda psicoterapia para os dois e que se revejam os padrões clássicos da relação homem-mulher. Há alguém aí com complexo de Ephedron?

O médico lembra que "os conflitos homossexuais não resolvidos plenamente na infância e adolescência deixam profundas marcas, as quais terão que ser resolvidas, às vezes, com grandes sacrifícios na vida adulta. Poderão aparecer então quadros paranóides ou obsessivos, os quais servirão como desvio da carga homoerótica subjacente". (Ela mantém complicadas e, além disso, Deus me livre, isso tudo aí em cima dá muita preocupação, mesmo...)

No caso do Ephedron, bastou — continua o médico — uma pequena ruptura na relação tradicional para que os sintomas paranóides aparecessem com grande intensidade. Viram?

E o que está acontecendo a esse Ephedron? Ele não tolera a companheira, no sentido exato da expressão. E preciso tê-la sempre na condição de um ser passivo. A infinita variedade humana de Dora, que aflora no quinto ano do casamento, perturba Ephedron: melhor mantê-la uma boneca agradável. O que fazer, Ephedron? O único modo de manter, não a situação — esta já irremediavelmente transformada — mas a forma ideal de mulher, é, então, "matá-la", isto é, submetê-la a um médico para revertê-la ao original. Estão vendo? Tudo isso aí quem disse foi o médico. Mas é tão sério, tão terrível, que acho bom as mulheres não deixarem de ser mães de seus maridos, como sempre têm feito, praticando o incesto sem restrições. É claro que estou brincando. Mas sobre o complexo, não.